

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

SUSANA LUCAS DA SILVEIRA TAVARES

**COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES ATRAVÉS DA
GESTÃO DAS PRÁTICAS INTEGRADAS**

**Jaguarão, RS
2015**

SUSANA LUCAS DA SILVEIRA TAVARES

**COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES ATRAVÉS DA
GESTÃO DAS PRÁTICAS INTEGRADAS**

Relatório crítico-reflexivo final
apresentado ao Curso de Mestrado
Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa, Campus
Jaguarão, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.

Prof^a Dr^a Cristina Pureza Duarte Boéssio

Prof^a Dr^a Regina do Couto

**Jaguarão, RS
2015**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

T231c Tavares, Susana Lucas da Silveira

COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES
ATRAVÉS DA GESTÃO DAS PRÁTICAS INTEGRADAS / Susana
Lucas da Silveira Tavares.

83 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2015.

"Orientação: Cristina Pureza Duarte Boéssio".

1. Trabalho Colaborativo. 2. Práticas Pedagógicas.
3. Gestão de Práticas Pedagógicas. I. Título.

SUSANA LUCAS DA SILVEIRA TAVARES

**COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES ATRAVÉS DA
GESTÃO DAS PRÁTICAS INTEGRADAS**

Relatório crítico-reflexivo final
apresentado ao Curso de Mestrado
Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa, Campus
Jaguarão, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.

Prof^a Dr^a Cristina Duarte Pureza Boéssio

Prof^a Dr^a Regina do Couto

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de março de 2015.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Cristina Pureza Duarte Boéssio
Orientadora
UNIPAMPA

Prof^a. Dra. Suzana Schwartz
UNIPAMPA

Prof. Dra. Beatriz Maria Atrib Zanchet
UFPEL

Dedico este trabalho a alguns “anjos” que iluminam os meus pensamentos, principalmente quando eles estão confusos e temerosos, a presença deles em minha vida se dá a cada momento que preciso, através da luz que guia meus passos e faz com que eu queira sempre trilhar o caminho do bem, do amor e da paz. Obrigada por nunca me deixarem sozinha frente às dificuldades da vida!

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, fonte maior de sabedoria e força, que nos momentos de fraqueza, sempre me motivou com sua energia e luz a continuar a trajetória de estudos e infindáveis descobertas.

Agradeço a todos os meus professores, que “regaram” de alguma maneira meus sonhos, fazendo-os tornarem-se realidade, dentre estes “mestres”, destaco minha orientadora, professora Cristina, quem destinou seu tempo e seu empenho ao meu “pequeno-grande” projeto, uma pessoa forte e determinada, que me ensinou que não posso mudar o mundo, mas contribuir com a mudança.

Meus agradecimentos a todos os professores de Mestrado, que contribuíram com a partilha de seus conhecimentos.

A professora Regina pelas orientações, indicações de leitura, palavras de bom ânimo e carinho sempre.

A professora Suzana Schwartz pelas sugestões de extrema valia para o crescimento deste trabalho e por seu exemplo de dedicação e amor à educação.

A professora Beatriz Maria Atrib Zanchet pela motivação e sugestões dispensadas no dia da qualificação, estas foram essenciais para minha escrita e reflexão.

Agradeço aos meus alunos, muito especiais, que me ensinam todos os dias a viver com as diferenças do mundo e a ter convicção que sem a convivência com as outras pessoas, o mundo parece um deserto.

Agradeço aos amigos que conquistei ao longo destes dois anos, que aprenderam comigo e me ensinaram também a trabalhar colaborativamente, em especial aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Miranda que fizeram tornar possível este trabalho, professora Adriana, professor Cléo, professor Éverton, professora Neusa, professora Saionara, professora Thirzan e a Equipe Diretiva que me apoiaram e permitiram a aplicação do projeto na escola, diretora Wania, supervisora Nara e orientadora Cláudia.

Agradeço a minha família, que me ensina todos os dias que existem diferentes formas de amar. Obrigada minha mãe, irmã e sobrinha por esse amor tão singular que sinto por

vocês, a alguns “anjos” que não estão tão perto, mas também não estão tão longe e com certeza me iluminam.

Agradeço a família que escolhi, minhas amigas amadas, meus anjos que me guiam e não me deixam cair, pois suas asas imaginárias que fazem voar. Minha querida Ana Paula, obrigada por me ensinar a viver de maneira mais intensa e segura, obrigada por me ajudar a não desistir nunca e complementar meus conhecimentos com os seus.

A amiga Carmen, cuja alegria me contagia e me envolve, fazendo com que meus pensamentos tornem-se mais positivos.

Agradeço às queridas colegas de Mestrado, as quais levarei para sempre na memória e no coração, em especial, Valéria, companheira de cidade, de viagem, de estudos, de tristezas e de alegrias, Aline, alguém que confiou anos atrás em mim e acredito que continua confiando, minhas amigas de cidade vizinha Lisi e Etiene, pelo companheirismo e amizade conquistada e as minhas colegas de orientação Élide e Tati, tão atenciosas, gentis, sempre prontas para ajudar e companheiras de descobertas e de viagens.

Agradeço a todos que de uma maneira ou outra contribuíram para que chegasse até aqui, o fim de uma jornada muito importante, que não significa necessariamente o encerramento dos estudos, mas sim um “alavancar” para novas descobertas.

Obrigada a todos que acreditaram em mim, àqueles que ficaram no meio do caminho e principalmente àqueles que continuam ao meu lado.

*“Não é suficiente desejar a mudança
Não é suficiente acreditar na mudança
É necessário viver a mudança como algo que
já existe em nós, apenas necessita de coragem
para ser manifestada.*

*A Educação é assim um ato corajoso de
mudança, uma mudança não linear, às vezes
espiralada, dolorosa, mas no fim sempre vale a
pena, pois sua resposta faz pessoas sorrirem”.*

(Susana Tavares)

“A alma é invisível.

Um anjo é invisível.

O vento é invisível.

O pensamento é invisível.

*E, no entanto, com delicadeza se pode
enxergar a alma,*

*Se pode adivinhar o anjo, se pode sentir o
vento,*

*se pode mudar o mundo, apenas com alguns
pensamentos”.*

Goethe

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo relatar e avaliar as Práticas Integradas (PIs) em uma turma do nono ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bagé. Estas Práticas tiveram a pretensão de privilegiar o trabalho colaborativo/cooperativo em Educação, promovendo o planejamento coletivo dos professores, através da conversa e da “costura” entre as disciplinas, a partir da escolha realizada pelos alunos dos temas e assuntos a serem estudados. As práticas Integradas foram executadas de duas maneiras, individual e coletiva, sendo que, esta última, visou a unir os professores em momentos que fosse explorado o mesmo assunto sob diversos pontos de vista, favorecendo, assim, a desfragmentação dos saberes, contribuindo para uma aprendizagem significativa e prazerosa, partindo dos gostos e das preferências dos alunos. A intervenção foi desenvolvida com base na metodologia de projetos de intervenção (DAMIANI,2012), onde foram detalhadas as ações desenvolvidas: aplicação de questionários com os alunos para a escolha do tema desenvolvido, grupos para planejamentos coletivos com os professores e atividades realizadas em cada disciplina com um ou mais de um professor. Destaco como decorrência dessas ações um trabalho docente mais integrado e dialogado e os alunos mais envolvidos com o processo de ensino e de aprendizagem, conforme as informações coletadas no instrumento de avaliação aplicado com os professores e alunos. As Práticas foram organizadas por mim, enquanto gestora das Práticas Integradas, destacando um importante papel à Gestão das Práticas Docentes, ou seja, a relação entre o ensinar e o aprender como algo de extrema importância para a construção de uma escola mais colaborativa.

Palavras-Chave: Gestão das Práticas Docentes. Intervenção. Planejamento colaborativo. Práticas Integradas.

RESUMEN

El actual trabajo tiene como objetivo relatar e evaluar las “Prácticas Integradas” - PIs como estrategia del trabajo en colaboración en una escuela de Ensino Fundamental de la ciudad de Bagé. Estas Prácticas pretendían promover el trabajo en colaboración en Educación, con planeamiento colectivo de los profesores, a través del diálogo y “costura” de las disciplinas, a partir de la elección hecha por los alumnos de las temáticas que fueron estudiadas. Las Prácticas Integradas fueron realizadas de dos maneras, individual y colectiva, siendo que, la última, pretendió la unión de los profesores en ratos en que fue explorado el mismo asunto bajo distintas miradas, contribuyendo para la desfragmentación de los saberes y para un aprendizaje significativo y placentero, empezando por las preferencias de los alumnos. La intervención fue desarrollada teniendo por base la metodología de proyectos de intervención (DAMIANI,2012), donde fueron detalladas las acciones desarrolladas: aplicación de cuestionario con los alumnos para elegir la temática a ser desarrollada, grupos para planeamientos colectivos con los profesores y actividades en cada disciplina con más de un profesor. Destaco como resultado de esas acciones un trabajo docente más integrador y dialogado y alumnos más involucrados con el proceso de enseñanza y de aprendizaje, conforme las informaciones colectadas en el instrumento de evaluación realizado con profesores y alumnos. Las Prácticas fueron organizadas por mí, gestora de las Prácticas Integradas, destacando una importante función a la Gestión de las Prácticas Docentes, o sea, la relación entre la enseñanza y el aprendizaje como algo de extrema importancia para la construcción de una escuela con más colaboración.

Palavras-Clave: Gestão de Práticas Docentes. Intervenção. Planejamento colaborativo. Práticas Integradoras.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 1 | 47 |
| Figura 2 - Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 2..... | 47 |
| Figura 3 - Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 3..... | 48 |
| Figura 4 – Temas elencados pelos alunos..... | 55 |
| Figura 5 – Aplicação dos questionários dos alunos | 56 |
| Figura 6 – Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 1 | 64 |
| Figura 7 – Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 2 | 64 |
| Figura 8 - Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 3 | 65 |
| Figura 9 – Cartaz de divulgação da Rústica promovida pela Escola..... | 69 |
| Figura 10 – Encerramento da Rústica | 69 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Resumo do planejamento das ações realizadas | 39 |
| Tabela 2 – Resumo das respostas de alunos – pergunta 2..... | 51 |
| Tabela 3 – Resumo das respostas de alunos – pergunta 3..... | 52 |
| Tabela 4 – Resumo das respostas de alunos – pergunta 4..... | 53 |
| Tabela 5 – Resumo das preferências dos alunos pelas disciplinas | 54 |
| Tabela 6 – Atividades das práticas integradas por disciplinas | 70 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

PI – Prática Integrada

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SMED – Secretaria Municipal de Educação

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

ZDR – Zona de Desenvolvimento Real

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL | 15 |
| 2 RECAPITULANDO A ESCOLHA DO TEMA, DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA | 19 |
| 3 MARCO TEÓRICO | 22 |
| 3.1 Trabalho colaborativo | 22 |
| 3.2 Projetos escolares..... | 25 |
| 3.3 Gestão das práticas docentes..... | 27 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 31 |
| 4.1 Método de intervenção | 31 |
| 4.1.1 Descrição dos sujeitos: alunos e professores..... | 32 |
| 4.1.2 Instrumentos de coletas de dados e de avaliação | 33 |
| 4.1.2.1 Observação participante | 34 |
| 4.1.2.2 Questionários | 35 |
| 4.1.2.3 Entrevistas semiestruturadas | 35 |
| 5 PRÁTICA INTEGRADA - PI..... | 36 |
| 5.1 As ações da intervenção antecedentes às Práticas Integradas: descrição, análise e avaliação | 40 |
| 5.2 As Práticas Integradas propriamente ditas: descrição, análise e avaliação | 59 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| BIBLIOGRAFIA | 74 |

1 MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Desde criança desejei ser professora, gostava de dar aulas para as bonecas em um quadro negro de brinquedo que tinha em minha casa e de preparar provas e atividades para alunos imaginários. O gosto pela Língua Espanhola, herdado pelo meu pai, de nacionalidade uruguaia, me impulsionou para que no ano de 1999, ingressasse na Graduação de Letras, na Universidade da Região da Campanha – URCAMP, em Bagé / RS, município onde resido.

Após concluir o Curso de Letras, no ano de 2003, ainda me sentia incompleta e o meu desejo em aprender coisas diferentes das que haviam me “apresentado” durante o período de faculdade, ainda palpitava em mim, então, realizei uma Pós-Graduação em nível de especialização em Educação Especial, na mesma cidade e Universidade.

Este curso havia sido oferecido apenas para professores em exercício na rede municipal, pois na mesma época estava começando o processo de implantação das salas de recursos multifuncionais¹ em todas as escolas de ensino fundamental e a necessidade em formar e qualificar profissionais para exercer esta função, tornou-se de extrema necessidade. Foi quando abriram três vagas voltadas para a comunidade, e uma delas foi ocupada por mim.

No ano de 2004, comecei a trabalhar como professora de Espanhol na Escola de Ensino Fundamental Jean Piaget (Bagé) do primeiro ao nono ano, uma escola particular com proposta sócio interacionista com alunos com deficiências em quase todos os anos de escolarização.

No ano de 2006, ingressei na Rede Municipal de Ensino como professora de Espanhol (itinerante) dos anos finais do Ensino Fundamental, exercendo a função em quatro escolas, de sexto a nono ano. Gostava de dar aula para os alunos de Língua Espanhola, mesmo que, com muitas dificuldades, devido ao número de escolas e de turmas que havia para desempenhar a função.

¹Conjunto de equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade para a organização do espaço de atendimento educacional - AEE especializado. Cabe ao sistema de ensino, a seguinte contrapartida: disponibilização de espaço físico para implantação dos equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos de acessibilidade, bem como, do professor para atuar no AEE.

Em 2009, passei a integrar o grupo dos professores do AEE (Atendimento Educacional Especializado) em duas escolas da rede municipal. O objetivo da função exercida é a inclusão com qualidade do aluno com deficiência² na rede de ensino; para isso, são preparados materiais, os planejamentos são realizados em conjunto e os alunos que necessitam, são atendidos de maneira individualizada, no turno inverso de sua escolarização. Permaneci durante dois anos realizando esta função, quando retornei à sala de aula para docência da Língua Espanhola. Senti necessidade de aproximação com o ensino da Língua, já que, no mesmo ano, ingressava no curso de Especialização em Letras e Linguagens na Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus Bagé.

No segundo semestre do ano de 2011, atuei na Secretaria Municipal de Educação no Setor de Educação Inclusiva, desenvolvendo e trabalhando juntamente com as demais integrantes da equipe para a implementar as leis de inclusão no município, que começaram reorganizando o serviço coordenado por profissional da área da educação especial, a criação de um *Departamento* na Secretaria Municipal de Educação- SMED e a instituição das salas de recursos multifuncionais em todas as escolas do município.

Ao ingressar no Mestrado, primeiro semestre de 2013, tinha como intenção pesquisar sobre as metodologias do Ensino da Língua Espanhola na perspectiva Inclusiva, levando em conta que os alunos trazem para a sala de aula suas diferentes vivências e que “todos” devem estar na escola aprendendo, independentemente de suas peculiaridades.

A intervenção estaria acerca da produção de materiais que levassem em consideração os sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem. Para isso, eu trabalharia com os professores de espanhol das escolas municipais que tivessem alunos incluídos em suas salas de aula, devido ao possível acesso a eles que a Secretaria Municipal de Educação possibilitaria.

²Segundo Sasaki (2006), na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, ficou decidido que o termo correto utilizado seria “pessoas com deficiência”. O movimento quer aprovar pela Assembléia Geral da ONU, a ser promulgada posteriormente por meio de lei nacional de todos os países-membros, incluindo o Brasil. Este termo insita uma questão de naturalidade, ou seja, nem especial, nem patológico, mas com deaçasagens a serem desenvolvidas a partir das habilidades de cada indivíduo, que passa a ser o “lema” da Educação Inclusiva com qualidade.

No ano de 2013, volto a trabalhar no AEE (Atendimento Educacional Especializado) de uma Escola da Rede Municipal de Bagé, situada em um bairro da periferia da cidade, que atende a um público alvo de 360 alunos, desde a pré-escola até o último ano do Ensino Fundamental, deixando então, o trabalho com a Língua Espanhola. É uma escola rodeada de árvores e sombras, possui um pequeno canteiro que embeleza sua fachada. Na escola acontece o Projeto Mais Educação³, há um Laboratório de Informática, refeitório, 05 banheiros, 01 fraldário e rampa adaptada, além de uma Sala de Recursos Multifuncionais que atende os alunos com deficiências, oferecendo recursos para que eles desenvolvam e aprimorem suas habilidades, além de auxiliar o professor na preparação de materiais didáticos específicos para cada aluno.

O trabalho desenvolvido por mim perpassa todos os anos, não de uma forma isolada, mas pensando coletivamente, apoiando e sugerindo aos professores estratégias pedagógicas que atendam as diferentes demandas de aprendizados. Devido à mudança de função por mim desempenhada, percebi a necessidade de redirecionar a proposta de projeto de intervenção, que passei a nomear da seguinte forma: Costurando ideias entre disciplinas escolares através da Gestão das Práticas Integradas.

Esta ideia surgiu em uma reunião pedagógica da escola em questão, na qual os professores dos anos finais (6º a 9º ano), discutindo sobre suas intervenções pedagógicas, concluíram que suas práticas eram isoladas, mas com conteúdos a serem desenvolvidos similares, podendo ser citado como exemplo, os conteúdos das disciplinas de Geografia e de Ciências que são convergentes e muito semelhantes, existindo então, uma maneira de aproximá-las, através de Práticas Integradas que promovem diálogo entre as disciplinas e entre os professores através de planejamentos coletivos e colaborativos, temas em comum e momentos em que os professores se encontrem na mesma sala de aula, proporcionando aos alunos discussões em conjunto, objetivando uma extensão do olhar, sob perspectivas e óticas diferenciadas.

³Projeto em parceria com o MEC (Ministério da Educação), a SEB (Secretaria de Educação Básica) e as Secretarias Municipais de Educação, que visa o aumento da oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macro campos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

Neste caso, a proposta de Práticas Integradas, apareceu em um contexto de reflexão pedagógica, com a intenção de solidificar-se no trabalho em equipe dos professores, com planejamentos coletivos e atividades que tivessem um “fio condutor” capaz de apresentar vários pontos de vista, a partir de um mesmo tema.

Segundo Hernández e Ventura (1998), é conveniente partir da própria singularidade para estabelecer pontos de conexão e abrir outras possibilidades de trabalho a partir das referências comuns que afetam a educação escolar.

No próximo capítulo, para continuar a apresentação da temática e desenvolvê-la, apresento a escolha do tema, Costurando ideias entre disciplinas escolares através da Gestão das Práticas Integradas, a definição dos objetivos e justificativa do assunto escolhido.

2 RECAPITULANDO A ESCOLHA DO TEMA, DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Gosto da magia que encontramos nas histórias infantis, algo que nos faz viajar ao mundo da imaginação, onde o real e o imaginário são apenas uma questão de opinião. Foi envolvida nessa magia e sensibilidade que, lendo a história infantil *Colcha de Retalhos*, de Concell Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva, entendi que a vida é construída de um tecer de experiências, assim como retalhos, que são unidos, transformados e interligados, pois o que somos hoje, depende das costuras realizadas com nossas concepções e aprendizados.

A história é sobre um pequeno menino que aprende com sua avó o significado da palavra *saudade* através da construção de uma colcha de retalhos. Os pedaços de pano, aparentemente, não possuem significado nenhum, mas com o passar dos minutos, o menino Felipe, percebe que cada pedacinho faz sua avó lembrar de momentos importantes de sua vida e que, costurado com outro retalho, pode se tornar rico de significado. O personagem narra que: “A gente só entende bem das coisas que já experimentou”.

A partir desse momento, faço uma analogia entre a história infantil e a escola, o cenário onde buscamos costurar ideias, tecer experiências. Percebo as disciplinas escolares como retalhos de uma colcha, muitas vezes disformes quando soltos, pois ambos até serem costurados estão desfragmentados e quando relacionados entre si tornam-se algo único.

É possível neste momento, refletir sobre a possibilidade de transformar as disciplinas escolares em algo mais “costurado”, interligado, o que aparentemente parece algo difícil, pois a escola em sua estrutura é fragmentada, cada disciplina possui seu objetivo individual e desejar “costurá-las”, pode romper com os limites exercidos por cada uma.

Após inúmeras pesquisas sobre o tema Interdisciplinaridade e constatando a complexidade de aplicação de tal temática na escola, devido a questões referentes à falta de tempo para planejamento coletivo dos professores e tantas outras questões aliadas à estrutura escolar, afirmar que foi feito um trabalho interdisciplinar dentro da escola, não é algo que leve a um único caminho ou certeza e sim a possibilidades de construções. Sendo assim, em nenhum momento do relatório crítico reflexivo

será afirmado que houve práticas interdisciplinares na escola, mas sim que foram pensadas possibilidades acerca de princípios que regem a interdisciplinaridade, como trabalho cooperativo / colaborativo e temas de interesse dos alunos. Não tive a pretensão de “costurar” todas as disciplinas, nem construir uma colcha de retalhos única, mas, sim, “costurar” retalhos ou disciplinas em comum para desempenhar um trabalho mais coeso e interligado, causando aos alunos um “movimento”, uma ensinagem⁴ mais significativa, em que pudesse proporcionar vários olhares para uma única situação, assim sendo possível realizar “costuras”.

Pensando, então, em possibilidades, sugeri como proposta de “costura” das disciplinas as Práticas Integradas (PI), assim denominadas por mim, que visaram a aproximação das disciplinas, através de momentos em que os professores estivessem juntos com os alunos fazendo aulas⁵, unindo temas, e perspectivas diferenciadas e em momento de estudos e planejamento também.

Este trabalho visa a relatar e avaliar o projeto realizado na escola, sendo o objetivo geral da intervenção a implantação das Práticas Integradas na escola, proporcionando planejamentos coletivos em uma turma do nono ano da EMEFPM. Para isso busquei, especificamente:

- Investigar as preferências e interesses dos alunos a partir das disciplinas que possuem contato na escola, em forma de atividades investigativas (questionário e conversas).
- Planejar coletivamente com os professores as Práticas Integradas - PI
- Executar práticas individuais e coletivas (mais de um professor), registrando seus detalhes para futuras avaliações.

Acredito que um projeto de intervenção justifica-se pela relevância social, principalmente por partir de um pressuposto discutido pela a equipe de professores e por agregar no contexto escolar uma reflexão de ações que visem a associar a teoria à prática, dando voz aos alunos e aos professores.

⁴O termo ensinagem é utilizado por ANASTASIOU, L. G. C (1998), para indicar uma prática social complexa, efetivada pelos sujeitos, professor e aluno, englobando a ação de ensinar e de aprender / apreender.

⁵O termo fazer aulas, segundo ANASTASIOU, L. G. C (1998) sugere distintas estratégias do professor com o aluno sobre o objeto de estudo; é algo mais amplo que uma aula onde o tema de estudo é exposto para o aluno, sem intenção de debate e respostas.

Assim, diante dos objetivos propostos, está delineado a seguir, um marco teórico que visa a subsidiar a Prática detalhada. Começo, discutindo o Trabalho Colaborativo como base das Práticas Integradas, logo apresento considerações sobre Projetos Escolares, destacando seu cunho cooperativo e colaborativo e para encerrar temporariamente as discussões teóricas, emergem algumas discussões sobre Gestão das Práticas Docentes, capítulo importante para refletir sobre o papel do professor como gestor de suas práticas pedagógicas e mediador do conhecimento. Após, teremos as especificidades da pesquisa: os Procedimentos Metodológicos, Método de Intervenção, Descrição dos Sujeitos, Instrumentos de coletas de dados (questionário para os alunos) e da avaliação (questionário – alunos, entrevistas semiestruturadas e para nos aproximarmos das considerações finais, a descrição, análise e avaliação das ações que foram desenvolvidas. As discussões teóricas giram em torno, principalmente, de autores como Damiani (2009), Santomé (1998), Hernández e Ventura (1998). Para finalizar, apresento as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

3 MARCO TEÓRICO

Foi necessário buscar em teóricos, o que somente com a prática não é possível explicar, embasar as propostas, compreender como foram desenvolvidas e avaliá-las. Então, busquei algo que subsidiasse teoricamente as Práticas Integradas, objetivo maior da minha intervenção. No primeiro momento, pensei em conceitos como Interdisciplinaridade e Globalização, mas, após pesquisas realizadas, percebi que poderíamos não conseguir na escola um trabalho interdisciplinar e que o objetivo também não seria obrigatoriamente este.

Portanto, busquei uma maneira que as disciplinas e os professores conversassem, tornando-se mais próximos. Foi neste momento, que emergiu no meu contexto de estudos o Trabalho Colaborativo em Educação, baseando-me em Damiani (2009), bem como outras dissertações de mestrado, orientadas pela autora. Junto ao Trabalho colaborativo aliei uma prática de projetos e um olhar minucioso à gestão das práticas docentes, que neste caso, se refere a Gestão das Práticas Integradas, subsidiada teoricamente em Paro (2008) e outros autores que vem ao encontro de seu pensamento. Para desenvolver a Prática de Projetos, me aprofundei em Hernández e Ventura (1998) e em Santomé (2009). Convido a acompanharem minha trajetória teórica.

3.1 Trabalho colaborativo

Os estudos voltados para o trabalho em grupo, adotam como sinônimos os termos colaboração e cooperação, Damiani apud Costa (2004, p.13) argumenta que,

embora tendo o mesmo prefixo (co), que significa ação conjunta, os dois termos se diferenciam um do outro, porque o verbo cooperar, significa executar, operar, fazer funcionar, enquanto o verbo colaborar quer dizer trabalhar, produzir, desenvolver atividade tendo em vista um determinado fim. Assim para os autores, na cooperação há ajuda mútua na execução de tarefas, embora suas atividades nem sempre sejam fruto da negociação conjunta do grupo, podendo existir relações desiguais e hierárquicas entre seus membros.

Na colaboração, por outro lado, ao trabalharem juntos, os membros de um grupo se apoiam, visando a atingir objetivos negociados pelo coletivo, sem relações que visem à liderança e hierarquização de um ou de outro integrante do grupo.

Portanto, existem diferenças entre um trabalho cooperativo e colaborativo, sendo que, o que busco com as Práticas Integradas na escola, na mesma perspectiva que Damiani (2009) é algo mais colaborativo que cooperativo, pois é essencial que os integrantes do grupo de professores busquem alcançar objetivos através de uma negociação entre eles. Para isso, é necessário a conversa, a articulação e a ação conjunta.

A ideia de colaboração está também presente na metáfora contida no conceito de “Zona de Desenvolvimento Proximal” (ZDP)⁶ criado por Vygotsky (1982), que afirma que uma criança somente conseguirá realizar coisas de forma independente no futuro com ajuda dos outros, graças a esse processo de atuação conjunta. Para detalhar melhor essa ideia, Freitas (1997, p.320) explica que, para Vygotsky, sem o outro,

o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias.

Quando o professor trabalha colaborativamente com os colegas torna-se mais ativo nos processos de ensino e de aprendizagem, pois transita entre as áreas, no momento que interage com outra pessoa, o conhecimento passa a ser partilhado e pode tornar-se menos fragmentado. Segundo Góes (1991, p.21), o sujeito não é ativo, nem passivo e sim interativo.

Conforme Vygotsky (1982), a aprendizagem resulta da qualidade das trocas do indivíduo com o ambiente e com seus pares, constituindo-se como força propulsora de seu desenvolvimento. Assim o autor explicava que, em vez de indagar sobre como alguém se comporta em um determinado contexto, deve-se perguntar como esse contexto age sobre a pessoa (VYGOTSKY,1982).

Outro aspecto muito interessante a ser ressaltado referente às interações grupais é a superação das diferenças individuais, que acabam acontecendo, pois

⁶ZDP é definida como o espaço existente entre o nível de desenvolvimento atual, que é o nível atingido em relação às tarefas que o aprendiz pode realizar sozinho, sem auxílio e o nível em que o aprendiz só consegue realizar atividades com ajuda.

como tais trabalhos promovem a interação e aproximação dos componentes do grupo, podem gerar também um clima mais ameno e de estreitamento das relações.

Relacionando o que foi discutido com a aprendizagem, podemos pensar em atividades conjuntas também para os alunos, como dotadas de um enorme potencial para produzir sucesso. O autor Coll Salvador (1994) e Colaço (2004), estudando o efeito do trabalho colaborativo entre estudantes, apontam ganhos em termos de socialização, além da aquisição de conhecimentos, aptidões e habilidades, incluindo o aumento de nível de aspiração escolar.

Conforme Garcia (2006, p. 81),

a colaboração pode acontecer também entre estudante e estudante, pois os estudantes percebem a ocorrência de aprendizagens mediante o trabalho colaborativo entre os iguais, considerando tanto os colegas como a si mesmos elementos importantes para o processo de construção de conhecimento.

Nesse sentido podemos pensar sobre as trocas de vivências que acontecem nas interações sociais, sem hierarquização, sem poderes ou títulos de quem sabe mais ou menos, apenas “trocas” de experiências e de opiniões que no final do processo são ricas em aprendizado, pois é um aprendizado que podem aplicar em sua vida diariamente.

Dentre essas possibilidades, vislumbra-se a proposta do trabalho colaborativo na resolução de problemas, estes entendidos como fatores capazes de mobilizar os estudantes, tanto de forma física como intelectual.

Claro, encontramos também problemas ou barreiras para desenvolvermos um trabalho colaborativo na escola, principalmente devido ao tempo restrito que os professores possuem para realizar atividades que não sejam aquelas relativas à sala de aula. Martins (2002, p. 75) comenta que

em espaços como sala dos professores, conselhos de classe, reuniões pedagógicas, esse espaços acabam sendo utilizados muito mais para atividades burocráticas e resolução de problemas emergenciais do que para criar um espaço de reflexão, e de transformação da prática educacional em atividades humanizadoras para si mesmo e para seus alunos.

É possível perceber na fala dos professores essas “carências” de momentos em que haja trocas de experiências pedagógicas, planejamentos coletivos etc. A

alternativa que a escola pesquisada encontrou para tornar possíveis mais encontros com os professores, foi através das Práticas Integradas, explicadas posteriormente. E para que essas práticas se concretizassem, foi necessário estudar sobre os Projetos Escolares.

3.2 Projetos escolares

A palavra “Projeto”, para mim, remete a algo que indica movimento: projetar, planejar uma ação. Quando nos referimos a Projetos Escolares, ou seja, aqueles que envolvem a escola (professores, alunos e comunidade escolar) é possível pensar em atividades que envolvam ativamente os participantes, que faça-os saírem da rotina, ou seja, inovar e desenvolver algo bem mais prático que teórico. Segundo Moura e Barbosa (2000, p.19).

Todo projeto é uma atividade eminentemente instrutiva. Através da execução de um projeto, todos os envolvidos se enriquecem com as experiências vividas, obtendo novos conhecimentos e novas habilidades. Essa característica faz dos projetos uma alternativa importante a ser considerada em sistemas educacionais, seja como solução para vários problemas, seja como forma de introdução de inovações.

Nem sempre um Projeto Escolar vai solucionar ou resolver todos os problemas da escola, mas na maioria das situações vai mobilizar de alguma maneira seus participantes, pois traz consigo um tema a ser desenvolvido ou desvendado e para isso, deve haver nos integrantes as capacidades de conceber, planejar, executar, acompanhar e avaliar todas as atividades. Estas habilidades estão vinculadas ao trabalho colaborativo, pois para tornar o que se planeja concreto, é necessário ter objetivos em comum, trabalhar em “várias mãos”, pensar junto.

Conforme afirma Freitas (1997, p. 320), O outro é imprescindível, sem ele o homem não mergulha no mundo dos signos, não penetra no mundo das linguagens, não ascende as funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência.

Os projetos escolares dão certo quando há um trabalho cooperativo, mas bem mais quando há uma colaboração entre os participantes. A escola, enquanto ambiente coletivo, deve ser um espaço prazeroso, em que aconteçam interações e associações com a realidade. No momento em que o mundo dialoga com as

informações, não podemos, enquanto escola, realizar a função de separar tudo que está interligado.

É importante destacar que os Projetos Escolares não excluem as disciplinas, como muitas pessoas pensam, as propostas de projetos desenvolvem-se apoiando-se nas disciplinas; a própria riqueza de um trabalho colaborativo na forma de projeto está nas colaborações e diálogos entre as disciplinas, claro, que podem também emergirem de problemas sociais e irem além da matemática, língua portuguesa etc, chegando às curiosidades diárias dos alunos.

O cenário geral de atividades baseadas em projetos apresenta muitas demandas, a começar pela necessidade de harmonização da terminologia, conceitos e métodos, pois no contexto educacional em que vivemos muitas atividades consideradas como projetos, apresentam poucas características daquilo que os estudiosos da área definem como tal. Ao longo deste século as terminologias como projetos, metodologia de projetos, interdisciplinaridade, educação global, centros de interesse, globalização aparecem, desaparecem e reaparecem com certa frequência. Segundo Santomé (1998, p.9), “pode-se pensar que no fundo trata-se apenas do mesmo e eterno problema, que ainda não foi resolvido definitivamente: o da relevância do conhecimento escolar”. Nesse sentido, no momento que pensamos em alternativas inovadoras, estamos refletindo sobre nossa prática com a intenção de torná-la significativa e responsável por nossas decisões.

Quanto maior for a compartimentação dos componentes curriculares, mais difícil será a compreensão do aluno e menos significativo e prático será seu conhecimento. Conseqüentemente, o método de Projetos desenvolve-se com a finalidade de tornar realidade a relação que deve existir entre as diferentes disciplinas, dando-lhe unidade, ou seja, o saber tratado na sala de aula passa a ser o mesmo utilizado na vida real.

O processo educacional precisa apoiar-se nos interesses dos alunos e gerar novos interesses, porém nem sempre os estudantes propõem projetos de interesse educativamente valiosos. Podem existir propostas nas quais sejam gerados diversão e prazer, mas que resultam triviais de um projeto educacional. (SANTOMÉ, 1998 p. 206)

Para isso, é necessário o acompanhamento dos professores nesse processo, quer dizer, a gestão de suas práticas docentes. Como indica Freitas (2000, p. 15) “o

professor é aquele que, detendo mais experiência, funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento”.

No próximo capítulo, apresento aspectos relevantes da Gestão das Práticas Integradas ou Práticas Docentes.

3.3 Gestão das práticas docentes

Quando falamos em Gestão Escolar, é fácil nos remetermos a imagem de uma Equipe Diretiva (Diretor, Supervisor e Orientador Educacional), ou seja, alguém que realiza trabalhos burocráticos, algo além da prática, separado do trabalho do professor. A LDB de 1996, art. 14, nos informa que cabe aos sistemas de ensino a definição das normas da Gestão Democrática, conforme as peculiaridades e seguintes princípios:

- I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II - participação das comunidades escolares e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Para discutirmos o conceito de Gestão trago diferentes ideias sobre o conceito de gestão, a partir de Mendonça (2000) e Lück (2007).

Segundo Mendonça (2000, p.69), a “gestão” está relacionada a uma determinada abordagem da administração, ou seja, para ele a gestão é um

conjunto de procedimentos que inclui todas as fases do processo de administração, desde a concepção de diretrizes de política educacional, passando pelo planejamento e definição de programas, projetos e metas educacionais, até suas perspectivas de implementações e procedimentos avaliativos.

Já para Lück (2007, p. 27), o conceito de Gestão supera o de administração, pois se “assenta na mobilização do elemento humano, coletivamente organizado, como condição básica e fundamental da qualidade do ensino e da transformação da própria identidade das escolas”. Para a autora a Gestão Educacional

corresponde ao conjunto de esforços de organização, liderança, coordenação e orientação da aplicação do projeto Político Pedagógico da Escola, definido no âmbito da escola para a realização de suas responsabilidades educacionais, assumidas por sua equipe de gestão, sob liderança de seu diretor e equipe de gestão (LÜCK, 2010, p.25)

O paradoxo entre os conceitos de Gestão das Práticas Docentes, traz a reflexão de como esse conceito foi percebido durante a aplicação do projeto de intervenção, isto é, como algo que vai além das questões burocráticas, ou seja, organiza a prática em si, dentro da própria sala de aula. Neste caso, o principal gestor é o professor, que além da participação direta ou indireta nos mecanismos coletivos (conselho escolar, associação de pais e mestres, grêmio estudantil, conselho de classe) e mecanismos de escolha democrática dos dirigentes, deve estabelecer mecanismos de estímulos ao envolvimento dos alunos e iniciativas de discussões e organização do trabalho.

Quando se fala em organização de trabalho, emergem algumas questões como as crenças do professor, concepções de ensino e de aprendizagem, costumes, valores e interesses, que agem diretamente no “resultado final” que está relacionado com a aprendizagem do aluno. Conforme Santomé (1998, p. 38), de alguma maneira,

a instituição escolar oferece as peças de um quebra-cabeças (cada uma das disciplinas e seus blocos de conteúdos), porém não se compromete claramente a constatar se os alunos conseguem reconstituí-las de maneira compreensível.

Ou seja, não podemos pensar que os alunos, sozinhos, podem organizar ou reorganizar as informações fragmentadas e captar seu verdadeiro significado, então, nesse momento emerge a importância do professor / gestor na prática de sala de aula.

Segundo Paro (2008) não basta pensarmos a estrutura da escola, se restringindo àquilo que é administrativo, que ele nomeia de atividades – meio, mas o que realmente importa são as atividades – fim (relação direta entre o educador e o educando). Incluídas às concepções do professor referentes à aprendizagem, está mais um paradoxo: exercício de dominação (autoritarismo, coerção, obedecer) ou o exercício do diálogo (argumentação, convencimento, aderir ou não)?

A aprendizagem significativa⁷ se difere de outros tipos de aprendizagem, porque esta ocorre quando as novas informações podem se relacionar de uma

⁷O termo aprendizagem significativa foi cunhado por Ausbel em seus estudos de psicologia, baseado na pesquisa sobre a forma com que as pessoas reconstróem continuamente seu conhecimento e sobre a maneira que aprendem e as estratégias didáticas que facilitam esse processo.

maneira não arbitrária com aquilo que a pessoa já sabe. Ao contrário, quando quem aprende encontra conteúdos quase sem sentido, difíceis de relacionar com as informações já existentes, ocorre uma aprendizagem memorística. Os conteúdos culturais desse tipo de aprendizagem, também costumam ser apresentados pelo professor, mediante recursos didáticos nada motivadores.

A Gestão das Práticas Docentes nessa perspectiva reflete sobre a “administração” da sala de aula pelo professor, juntamente com suas concepções de ensino e de aprendizagem, sua metodologia etc. Do ponto de vista da Gestão, é importante ter em mente que é de responsabilidade dos Gestores (Equipe Diretiva e professores) contribuírem para que as escolas assumam valores e perspectivas empreendedoras de orientação da aprendizagem e formação dos alunos, bem como no modo coletivo do ser e do fazer escolar. Conforme Lück (2010), o que as instituições escolares fazem ou deixam de fazer revela um sistema de valores, que são sua alma.

A escola é muito mais que um prédio, é uma organização social, com coletividade dinâmica, organizada com o objetivo de desenvolver nos alunos concepções de mundo e de si mesmos. Proporcionar a construção de cidadãos críticos não deve ser um objetivo que conste somente no Plano Pedagógico da escola, mas algo que seja posto em ação.

Segundo Santomé (1998, p.30), preparar as novas gerações para conviver, partilhar e cooperar no seio das sociedades democráticas e solidárias obriga a planejar e desenvolver propostas curriculares que contribuam para reforçar esse modelo de sociedade.

A Gestão Escolar possui um importante papel na organização e na concretização de todos esses objetivos, desde a organização do clima de convivência entre os professores e a equipe de funcionários, a promoção de ambientes que privilegiem as trocas entre professores de diferentes disciplinas, até o funcionamento pedagógico entre professores e alunos, mas, além disso, é fundamental que exista na escola uma Gestão de sala de aula que promova as aprendizagens significativas dos estudantes, priorizando a resolução de problemas através do trabalho colaborativo, estimulando e oportunizando também as trocas entre os professores com objetivo de trabalhar mais junto “rompendo” as barreiras

existentes entre as disciplinas, de maneira que as aulas sejam mais dialogadas e em alguns momentos até mesmo compartilhadas entre dois ou mais professores.

Segundo Santomé (1998, p. 29), um sistema educacional

é criado e modificado com o propósito de contribuir com uma capacitação de meninos e de meninas para assumir responsabilidades e para poderem ser pessoas autônomas, solidárias e democráticas. Esta meta educacional é algo que deve condicionar a tomada de decisões no planejamento, desenvolvimento e avaliação de um currículo.

O objetivo de gerir as Práticas Pedagógicas se encontra em proporcionar novas alternativas de mudança ou privilegiar as estratégias que estejam contribuindo favoravelmente para a melhoria da escola como um todo, desde a aprendizagem dos alunos, suas atitudes frente ao mundo e envolvimento coletivo dos professores, a partir das estratégias pedagógicas docentes em consonância com as respostas dadas pelos alunos. À luz destas ideias, não separa-se ensino de aprendizagem. Conforme Demo (2009), um dos problemas mais graves dos professores é separar ensino de aprendizagem, como se o professor ensina e o aluno aprende; seria mais inteligente, além de não separar, subordinar o ensino à aprendizagem.

Ou seja, se o aluno não aprendeu algo, o professor deve rever sua prática. A Gestão das Práticas Docentes, nessa perspectiva, é um acompanhamento de seu próprio trabalho, aliado à colaboração com outras instâncias (Equipe Diretiva, Comunidade Escolar).

Segundo Canário (2006), a descoberta de caminhos fecundos que permitam a produção de mudanças qualitativas pertinentes nas escolas supõe a possibilidade de fazer dos professores produtores de inovações, articulando-se no seu sentido profissional, a produção de mudanças com as dimensões de pesquisa e da formação.

Um corpo docente que pesquise, trabalhe coletivamente / colaborativamente é essencial para a melhoria das escolas, pois o professor ainda é o personagem principal do cenário da educação, não devido aos seus saberes, mas ao exemplo que ele oferece aos seus alunos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha da metodologia utilizada está baseada nas ideias de Damiani (2012), que visam a alterar, modificar a realidade em que se está inserido. No que se refere ao âmbito educacional, interferências são planejadas e implementadas e após avaliadas, com o objetivo de contribuir para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino e de aprendizagem neles envolvidos. Portanto, identificam-se as intervenções como pesquisas aplicadas, enfatizando seu valor para produzir conhecimento que poderá ser utilizado por professores para promover melhorias em suas práticas e atividades didáticas. (DAMIANI, 2012).

As intervenções em Educação possuem potencial para propor novas práticas ou aperfeiçoar as existentes, produzindo conhecimentos teóricos nelas baseados e são organizadas da seguinte maneira, separadamente: a) o método de intervenção, que descreve a prática pedagógica implantada com detalhes, embasando-a com referenciais teóricos; b) o método de avaliação da intervenção que especifica os instrumentos de análise e coleta de dados utilizados na intervenção. É importante ressaltar que não separar os dois métodos, pode gerar um problema, pois este componente é o que determina as intervenções como pesquisas educacionais.

O Projeto de Intervenção é composto pelo planejamento, descrição, análise e avaliação de ações baseadas no diagnóstico do espaço de inserção no qual é desenvolvido, compreendendo-as e procurando explicá-las com base em seus efeitos, fundamentadas nas informações coletadas com rigorosidade metódica e com base na fundamentação teórica já construída sobre o tema. (DAMIANI, 2012).

Baseada nestas ideias, apresento o método de intervenção.

4.1 Método de intervenção

Início esta primeira parte da descrição do método da intervenção, apresentando os sujeitos da pesquisa e os instrumentos de coleta de dados para a elaboração e para a avaliação da intervenção, separadamente. Destaco que o contexto da pesquisa já foi informado na página oito do atual relatório. Na sequência, descrevo as ações propriamente ditas e as avaliações realizadas.

4.1.1 Descrição dos sujeitos: alunos e professores.

No mês de abril de 2013, quando nasceu a ideia de serem desenvolvidas Práticas Escolares mais Integradas e Colaborativas, em uma reunião da escola, pensamos (a Equipe Gestora e eu), primeiramente, em uma turma de sexto ano.

Porém, conforme os relatos dos professores, a turma do sexto ano apresentava-se de maneira menos receptiva a propostas diferenciadas, pois se desorganizavam com facilidade e possuíam dificuldade em se concentrar na maioria das atividades pedagógicas, o que poderia prejudicar o andamento dos trabalhos.

Em conversa informal com dois dos professores dos anos finais, a professora de Ciências e o professor de Língua Portuguesa, pensamos na possibilidade de implementar as Práticas Integradas na turma de nono ano, pois segundo eles, os alunos por estarem no último ano do ensino fundamental, poderiam ter mais maturidade em conceber as PIs como algo que vise à conexão de conteúdos e ou temas que estão separados, mas possuem muitas semelhanças e podem complementar-se ou contrapor-se, com a finalidade de trazer respostas mais significativas aos questionamentos que as disciplinas promovem. Pensei no primeiro momento realizar o trabalho, somente com esta turma, para quem sabe, em futuras experiências, implementar as PIs em outros anos de escolarização também.

A turma do nono ano do ensino fundamental é composta por dezoito (18) alunos (sete meninas e nove meninos), de faixa etária entre 14 e 16 anos, sendo alguns deles repetentes. Em geral, os alunos apresentam interesse em atividades diferenciadas, que promovem o diálogo e a reflexão, são questionadores e curiosos. É possível perceber pelas respostas dos questionários aplicados (um deles aplicado para a investigação e outro, para a avaliação), que eles sentem falta de aulas dialogadas, com menos registros; muitos também possuem curiosidade em aprender mais sobre os planetas, fotografia e, além disso, são ativos, gostam de estar com os colegas fora da sala de aula e realizando atividades físicas. Para descrever suas vozes, utilizei, enquanto gestora das Práticas Integradas – PIs, os seguintes instrumentos de pesquisa: gravador, anotações informais, diário de campo com anotações. Será utilizado a expressão aluno 1, aluno 2, aluno 3 etc.

São também sujeitos da pesquisa cinco professores dos anos finais: Professor de Língua Portuguesa, Professora de Ciências, Professora de História,

Professora de Artes, Professor de Educação Física, que serão nomeados como professor A, professor B, etc, aleatoriamente. Estes professores possuem carga-horária de 20h/a na escola, porém, possuem de duas a quatro horas/aula semanais (cada hora/aula é de 45 min) de hora/atividade, como é chamado o período destinado ao planejamento; tendo sido feitas nesses momentos conversas informais e “amarrações” das atividades e conteúdos de diferentes disciplinas.

Os professores participantes das Práticas Integradas estavam presentes na reunião de planejamento, com exceção da Professora de Ciências, que encontrava-se afastada, devido motivo de saúde. A professora de Matemática não demonstrou interesse em colaborar, justificando sua não participação à grande quantidade de conteúdos a serem desenvolvidos e a professora de Espanhol, não compareceu na reunião, por motivo de ser itinerante em outras escolas, possuindo uma excessiva de trabalho, sendo assim “achou melhor” não integrar à equipe de trabalho. A professora de História ministra as disciplinas de Geografia e de Ensino Religioso.

Os professores envolvidos no processo são comprometidos com o ensino e com as aprendizagens dos alunos, já tendo desempenhado em momentos anteriores atividades que integraram disciplinas, com o objetivo de trabalhar colaborativamente, principalmente com o auxílio da professora de Ciências, que possui uma capacidade de implementar inovações e possui uma postura reflexiva e criativa frente as situações de aprendizagens, sempre buscando trabalhar coletivamente.

Ou seja, o trabalho colaborativo dentro das escolas, pode tornar os sujeitos, fora desse contexto, menos individualistas e com mais iniciativa de partilhar conhecimentos e tarefas.

4.1.2 Instrumentos de coletas de dados e de avaliação

Neste relatório, defini como instrumentos metodológicos, observação participante, diário de campo e gravações, dois questionários para os alunos, um para a coleta de dados e outro para a avaliação, uma entrevista semiestruturada com os professores para a avaliação, que foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por (MINAYO, 1993), estabelecendo relações e núcleos, através da desmontagem dos textos e das falas dos professores e alunos.

4.1.2.1 Observação participante

A observação participante é a técnica que envolve mais que a observação direta, ou seja, combina com um conjunto de estratégias metodológicas que envolvem significativamente o pesquisador (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A observação participante no meu projeto de intervenção aconteceu em momentos como: formação com professores, reunião de planejamento das Práticas Integradas, aplicação dos questionários com os alunos, durante os momentos das Práticas Integradas na sala de aula e em momentos informais com os professores. Ao participar efetivamente dos encontros com professores e com alunos busquei realizar registros escritos (diários de campo) e gravações de falas para serem analisadas. Portanto, em todos os momentos que foram aplicados os instrumentos de coleta de dados, os registros foram feitos.

Triviños (2013) ao se referir a esse tipo de instrumento, utiliza o termo *anotações de campo* e explica que essas são descrições por escrito das manifestações (verbais, ações, atitudes) que o pesquisador observa no sujeito e devem registrar “as reflexões” do investigador que surjam em face da observação dos fenômenos.

Escolher o grau de envolvimento na pesquisa não significa decidir que a observação será ou não participante. Isto está diretamente ligado a continuidade que o processo ocorre. Por exemplo, o pesquisador pode se envolver cada vez mais ao longo da pesquisa, como pode acontecer ao contrário, ir perdendo o vínculo e se distanciando.

Segundo Lüdke e André (1986), é evidente que o pesquisador escolherá desde o início da pesquisa se atuará como pesquisador total, que sugestiona a preservação de sua identidade perante o grupo e do objetivo real de sua pesquisa.

O participante como observador não oculta completamente seu papel, mas não desvela em sua completude seus objetivos, já no caso da pesquisa participante, o observador revela sua identidade ao grupo e pode interagir cooperando e solicitando cooperação. No caso da pesquisa atual, foi de extrema importância a minha observação e participação como gestora das PIs, pois foi possível registrar fatos e contribuindo em alguns momentos com opiniões e diferentes visões sobre as discussões promovidas pelos professores.

4.1.2.2 Questionários

Os questionários foram aplicados com os alunos, um deles para a coleta de dados (para investigar os gostos e preferências dos alunos), sua estrutura apresentava sete questões, sendo quatro delas abertas e três fechadas, e o outro para avaliar a prática, com o intuito de investigar os interesses que eles possuíam em aprender na escola, constituído por três questões abertas.

Segundo Gil (1999), o questionário é uma técnica de investigação através de perguntas, a fim de obter informações sobre sentimentos, aspirações, crenças, valores, medo. É constituído por perguntas abertas, que possuem espaço para escrever e ampla liberdade de resposta. As perguntas fechadas apresentam escolhas de alternativas apresentadas.

Sobre a estrutura do questionário, Goldenberg (2004, p. 86), sinaliza que “as questões devem ser enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir, tentando abranger diferentes pontos de vista.”

4.1.2.3 Entrevistas semiestruturadas

Realizei uma entrevista semiestruturada com os cinco professores participantes das Práticas Integradas para avaliação das mesmas.

Nelas, considerei também que para se realizar uma boa entrevista é necessário criar uma atmosfera de confiança e amizade, não se criar antagonismos com o entrevistado e tentar ser o mais neutro possível, não sugerindo respostas (GOLDENBERG, 2004). Além desse instrumento, é necessário ressaltar que as avaliações foram realizadas durante o processo, através de anotações e gravações descritas em cada prática, a seguir especificada.

5 PRÁTICA INTEGRADA - PI

A PI foi nomeada dessa maneira, devido à intenção da proposta que foi realizar tentativas de conexões entre as disciplinas e não necessariamente práticas interdisciplinares. O que embasa as práticas é o trabalho colaborativo, que segundo Damiani (2009, p. 41), “nesse tipo de cultura colaborativa, os laços de amizade, a iniciativa individual e a motivação levam a maior produtividade e aprendizagens”.

Assim, convém destacar que as Práticas Integradas possuem finalidade de alcançar os seguintes objetivos:

- Introduzir uma nova maneira de fazer do professor, na qual o processo de reflexão e interpretação sobre a prática permita tornar significativa a relação entre o ensinar e o aprender.
- Gerar algumas mudanças na organização dos conhecimentos escolares, como por exemplo a inclusão de temas, antes não listados, nos conteúdos.
- Trabalhar de diferentes possibilidades os interesses dos alunos em sala de aula, de forma que cada um encontre um lugar para a sua participação na aprendizagem.

A aplicação das PIs aconteceram de duas maneiras: as Práticas Integradas individuais, que são aquelas nas quais o professor planeja sua aula a partir do assunto a ser desenvolvido, agregando ao tema os conteúdos possíveis, de maneira que contemple à realidade do aluno, ou seja, próximos do que vivenciam e as Práticas Integradas Coletivas, quando dois professores, ou mais, compartilham da mesma aula, com o objetivo de responder aos questionamentos ou dúvidas dos alunos através de diferentes pontos de vista que se complementem ou contrapõem-se, desconstruindo a ideia de fragmentação e individualismo das disciplinas.

A primeira ação que aconteceu antes da aplicação das PIs, propriamente ditas, foi uma Formação Pedagógica que envolveu todos os professores da escola e o objetivo era refletir sobre o trabalho colaborativo em Educação, para isso, foram propostas atividades em grupo nas quais os participantes pudessem expressar sua opinião sobre o assunto. Nesse mesmo momento, ficou delineado um próximo encontro, com os professores do anos finais, por serem os sujeitos da intervenção (detalhados anteriormente).

A segunda ação foi a aplicação de um questionário com os alunos do nono ano, com o intuito de investigar os gostos e as preferências dos alunos com relação à escola, ou seja, o que desejavam aprender. A partir do questionário aplicado para os alunos, foi possível retirar alguns temas de interesses deles, como Astrologia e Planetas, Música, Fotografia, Esportes, logo, dentre estes temas foi sorteado “Os Esportes”. Combinamos, então, a Equipe Gestora da escola (Diretora, Supervisora e Orientadora) e eu de realizar uma reunião com os professores dos anos finais (nono ano) para narrar a aplicação dos questionários com os alunos e compartilhar a ideia de desenvolver na turma a PI.

É importante destacar, que foi possível realizar o planejamento coletivo apenas uma vez, no qual esboçamos, segundo as ideias acima, o projeto a ser aplicado nas Práticas Integradas, os outros encontros foram através de conversas informais individuais. O motivo foi a falta de tempo para unir o grupo, o que, para mim, foi uma desvantagem grande, pois quanto mais encontros de planejamentos coletivos tivéssemos, mais poderíamos ter tentativas de aproximação das disciplinas, o que não se configurou como eu havia imaginado.

A minha função de Gestora das Práticas Integradas foi de instigar os professores sobre o trabalho colaborativo, proporcionar subsídios teóricos sobre o tema desenvolvido, mediar situações de aprendizagem, estando junto com os professores, na maioria das atividades propostas para os alunos e auxiliar nos planejamentos das aulas e propostas dos professores.

No meu planejamento, enquanto Gestora das Práticas era previsto que as Práticas Integradas aconteceriam uma vez por semana, porém foi possível realizar apenas uma Prática Integrada Coletiva, envolvendo mais de um professor, um dos motivos, foi a falta de tempo para planejamento e outro motivo, é que as Práticas Coletivas, devem nascer da intenção dos professores em darem aulas compartilhadas e apenas dois professores demonstraram essa intenção. As Práticas Individuais aconteceram conforme o planejamento acima, após a escolha do tema com os alunos e planejamento de um projeto realizado conforme os passos delineados por Hernández e Ventura (2009) e denominados Projetos de Trabalho, que seguem os seguintes passos:

Escolha do tema;

- a) Atividade do docente após a escolha do Projeto;

- b) Atividade dos alunos após a escolha do Projeto;
- c) Busca das fontes de informação;
- d) Avaliação do Projeto pelos alunos e professores.

Segundo Hernández e Ventura (2009) os projetos de trabalho são uma resposta, nem perfeita, nem definitiva, nem única para a evolução e reflexão da prática dos professores. É um processo bem mais interno que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento, baseiam-se nas descobertas dos alunos, a partir de seus interesses. Segundo Santomé (1998, p. 2013)

os projetos são uma forma de integração curricular que se preocupa pela característica “interessante”, que deve acompanhar a realização do trabalho nas salas de aula, pela proposta de problemas interessantes que os alunos devem resolver em equipe.

Essa proposta pode gerar aos alunos um envolvimento maior com as atividades escolares e uma aproximação das disciplinas, devido ao fato de, durante o desenvolvimento de um projeto, vários temas serão abordados antes mesmo dos conteúdos propriamente ditos, trazendo informações gerais, conhecimentos desfragmentados e com significado, pois quanto maior for a compartimentação dos conteúdos, mais difícil será sua compreensão, pois a realidade torna-se mais fragmentada, sem relações com o que é estudado na escola. Portanto, é preciso insistir na negociação entre as pessoas que compõem a equipe de trabalho, ou seja, os professores e alunos participantes da PI, para que os conteúdos tornem-se menos compartilhados, mais coesos e mais significativos, sendo assim, a escola se torne um lugar de aprendizagens prazeroso.

É sempre bom ressaltar que não encontramos somente facilidades e êxitos trabalhando colaborativamente, pois a falta de tempo de planejamento ainda é a maior queixa dos professores e isso torna-se uma barreira para ser colocada em prática essa proposta. Outra questão a ser mencionada é a estrutura escolar fragmentada, que ocasiona uma falta de continuidade no aprendizado, pois quando termina uma aula, muitas vezes começa outra, sem conexões entre si, colaborando muitas vezes que a aprendizagem não seja significativa para o aluno. Também existe a concepção de alguns professores que acreditam que trabalhos colaborativos, unidos por um mesmo tema possa “atrapalhar” ou atrasar os

conteúdos “obrigatórios” a serem desenvolvidos. A seguir há um resumo do planejamento das ações que foram desenvolvidas por uma melhor visualização e organização das atividades que foram realizadas antes das Práticas Integradas, para a preparação das PIs.

Tabela 1 - Resumo do planejamento das ações realizadas
RESUMO DO PLANEJAMENTO DAS AÇÕES REALIZADAS

| DATA | OBJETIVO DA ASSESSORA DAS P.Is | AÇÃO PLANEJADA |
|-------------|--|--|
| 19/04/2014 | Privilegiar e estimular o trabalho colaborativo entre todos os professores da escola (Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e EJA) | Formação Pedagógica para refletir sobre o trabalho colaborativo em Educação, através da realização de um sanduíche e de outras propostas acerca dessas possibilidades. |
| 03/09/2014 | Escolher o tema do projeto com os alunos. | Aplicação de um questionário com os alunos, para investigar as preferências de temas a serem desenvolvidos na sala de aula. |
| 10/10/2014 | Planejar coletivamente as Práticas Integradas com os professores do nono ano da escola. | Planejamento coletivo com os professores a partir dos questionários realizados com os alunos. |
| 17/10/2014 | Dar início às Práticas Integradas | Filme para os alunos: A Força de um campeão. |

A partir desse quadro de síntese, foi possível refletir sobre o meu projeto de intervenção. Destaco que meu planejamento inicial foi sendo modificado a fim de se adequar à disponibilidade dos professores, portanto nem todas as datas que foram

previamente organizadas foram possíveis de serem cumpridas, também não houve a totalidade dos professores dos anos finais (9º ano) no planejamento da Prática Integrada, como desejado, devido à motivos individuais de cada um.

5.1 As ações da intervenção antecedentes às Práticas Integradas: descrição, análise e avaliação

Estas primeiras ações apresentadas, antecedem as Práticas Integradas propriamente ditas e foram realizadas para inserir o tema estudado (Trabalho Colaborativo em Educação e implantação das PIs), envolver o grupo de professores e delimitar os sujeitos da pesquisa e o tema a ser desenvolvido pelos professores, através do contato com os alunos.

1ª Ação:

Data: 19/04/2014

DESCRIÇÃO

Objetivo: privilegiar e estimular o trabalho colaborativo entre os professores, dessa maneira foram propostas por mim atividades de construção coletiva e reflexão acerca dessas possibilidades.

A primeira ação foi em forma de formação pedagógica, destinada a todos os professores da escola envolvida, incluindo anos iniciais, anos finais e EJA – Educação de Jovens e Adultos. Estavam presentes o total de 17 professores e a Equipe Diretiva formada por Diretora, Supervisora e Orientadora, no total são 27 professores.

Como início, propus que o grupo de professores construísse um sanduíche, com a intenção de promover uma atividade prática e não apresentar referenciais teóricos. Todos estavam sentados em círculo e a mesa com os ingredientes do sanduíche estava ao centro. A primeira observação a ser destacada foi que poucos professores tiveram a iniciativa de realizar a atividade proposta. De 17 presentes ao encontro, apenas 5 se envolveram de maneira a participar ativamente. O primeiro passo para a realização da tarefa pelos professores foi a escolha dos ingredientes e a organização deste grupo para a distribuição das tarefas, duas professoras passavam a maionese no pão, as outras duas colocavam o recheio e a última estava

responsável pela decoração do lanche. No final mais professores vieram contribuir com o sanduíche e foi questionado, como foi o trabalho em conjunto? Qual a diferença entre trabalhar em conjunto e individual? Qual desses trabalhos é mais vantajoso?

As respostas foram variadas, há muitos professores que acreditam ser mais vantajoso o trabalho colaborativo, por acreditarem que a aprendizagem do aluno seja mais significativa e menos fragmentada, porém muitos manifestaram a dificuldade de encontrarem-se para planejar junto e estabelecer conexões para o trabalho colaborativo. Nas falas dos professores foi expressada a dificuldade que é deles se encontrarem e planejarem. Esta opinião foi ratificada após a execução das Práticas, no instrumento de avaliação realizado posteriormente com os professores, em individual (Entrevista Semi-Estruturada).

Professor A: É um trabalho onde o ensinar e o aprender andam juntos e onde os alunos contribuem muito com o que já sabem. É trabalhoso, precisamos conversar, planejar, às vezes falta tempo para isso, mas sem dúvidas é gratificante. As alunos se envolvem, nós professores precisamos nos inteirar de temas diferentes, que fazem com que crescamos.

Escolhi esta dinâmica inicial para envolver os professores em uma tarefa na qual deveriam pensar juntos e estabelecer estratégias para a criação de um “Projeto” em comum, no qual deveriam expor suas ideias, manter diálogo e executar de forma colaborativa. Da mesma maneira que a construção do lanche necessitou de conversa, organização, seleção de ingredientes/materiais, um projeto coletivo ou colaborativo também necessita. Percebe-se também, na maioria das vezes, quando acontece um projeto ou quando é sugerido algo novo, uma metodologia nova nas escolas, o tema a ser desenvolvido raramente é algo debatido ou refletido pelos professores e pelos alunos acerca de sua importância, necessidade ou interesse, ele muitas vezes é sugerido ou até mesmo imposto, assim como a proposta inicial do sanduíche, que gerou resistência e contradição de alguns professores que não concordaram com a solicitação, ou seja, não foi algo que tenha nascido através de uma discussão ou necessidade.

Segundo Hernández e Ventura (2009, p. 20) “As inovações costumam ser produzidas, entre outras razões, por uma pressão exterior (caso de uma reforma

educativa) ou pela reforma ou desejo de mudança de um grupo ou de uma instituição”.

Ou seja, para haver a mudança dentro da escola, não há reflexão sobre a prática, as solicitações de mudança emergem por necessidades externas e isso muitas vezes gera uma “indisposição” por parte daqueles que necessitam realizar esta mudança, ou até mesmo acontece uma pseudo-mudança, as novas práticas não são efetivadas, pois não se percebe a real necessidade.

Segundo Fazenda (1991, p. 23), “um projeto escolar não deve ser direcionado e sim, deve acontecer, de uma maneira espontânea, ou seja, começando por uma necessidade percebida dentro do contexto escolar ou pela livre escolha dos discentes.”

Percebemos que a mudança de metodologia ou a escolha de um tema a ser desenvolvido em forma de projeto muitas vezes omite as vozes dos alunos, desconhecendo a realidade em que vivem, seus gostos e suas necessidades. Santomé (1998, p.44) nos diz que é previsível pensar que os meninos e as meninas preferirão trabalhar em um projeto curricular organizado em torno de núcleos como “a música rock”, “a violência”, “ a sexualidade” etc, do que em blocos de conteúdos organizados em disciplina.

É bom não esquecer, como destaca Guy Claxton (1987, p. 215), que “as pessoas aprendem antes o que necessitam com mais urgência e o que querem saber”. Assim tudo o que se distanciar de seus interesses dificilmente pode converter-se em relevante e significativo para quem deve aprender.

Menciono sobre Projetos Escolares, devido a necessidade que tive em buscar uma estratégia para aproximar as disciplinas, tendo escolhido então como metodologia da PI (Prática Integrada), a Prática de Projetos. Sendo que, segundo Santomé (1998), afirma que as disciplinas ou matérias singulares são narcisistas, orientadas para seu próprio desenvolvimento, mais do que para aplicação fora de si mesmas. Então, esta organização e apresentação da cultura em disciplinas não favorece a proposta de visões mais holísticas de conhecimentos aplicáveis à realidade.

Baseando-me nisso, após o primeiro momento, realizamos reflexões e conexões entre a construção do sanduíche e práticas colaborativas na escola, como por exemplo, a importância do trabalho e planejamento coletivo, a construção de

objetivos em comum, a discussão sobre a escolha dos melhores ingredientes, materiais e metodologias.

Partimos, então, no terceiro momento para uma história infantil: Nicolau tinha uma ideia, onde cada personagem tinha uma ideia que se unia com a de outro personagem, construindo uma gama de ideias conexas e produtivas. No final da história acontece a criação de um local onde as histórias são compartilhadas: a escola! Nesse momento formamos pequenos grupos entre os professores (Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4, Grupo 5), cada grupo formado de quatro a cinco pessoas, cada grupo recebeu uma imagem em pedaços, as imagens eram dos espaços da escola (Secretaria, AEE – Atendimento Educacional Especializado, refeitório, fachada da escola e salas de aula), deveriam montar essa imagem, colá-la em uma folha e depois escrever algo que representassem para eles o trabalho colaborativo, as vantagens e desvantagens de trabalhar dessa maneira.

É importante ouvir os professores, saber o que estão sentindo e como percebem os processos de ensino e de aprendizagem e isso foi possível com a reunião. Por isso, todos os dados e informações dadas pelos participantes foram submetidos a um processo de redução (MILES e HUBERMAN, 1994), por meio de análise temática (MINAYO, 1993), especificada nos instrumentos de coletas de dados e de avaliação, que visou a analisar os dados a partir da coleta e encontrar os principais núcleos de sentido das informações coletadas, relativos à opinião dos professores sobre o trabalho colaborativo.

Apresentada a descrição inicial, passa-se a identificar, como categorias de análise:

Falta de Tempo para planejamento: Nos cinco grupos que realizaram a reflexão, dois deles manifestaram claramente que a falta de tempo para planejar é uma barreira, para o trabalho colaborativo/cooperativo. Segundo o grupo 1: *o trabalho colaborativo ou interdisciplinaridade, né? é bonito só no papel, mas na prática é muito difícil, porque não se tem tempo para nos reunirmos e pensar junto, quando tem reunião é para tratar outras coisas, nunca só para isso, sabe? Mas a proposta é legal, o problema todo é o formato da escola, que não muda. Daí não adianta os professores mudarem, os alunos desejarem coisas diferentes, se a escola continua a mesma coisa.*

Conforme o professor B, quando comenta no instrumento realizado para a avaliação sobre o trabalho colaborativo: *Possível é, mas precisa se articular muitas coisas, precisa se planejar e ver algumas estratégias para se estabelecer esse trabalho dentro da escola. É possível, mais é necessário ter mais tempo para planejamento, organização e dá bastante trabalho para o professor, além da estrutura não favorecer nem um pouco.*

Percebi nesse momento, uma “incomodação” dos professores com o sistema educacional, o que acho até certo ponto pertinente, porém dentro da sala de aula, o trabalho é do professor, é ele que faz a escola viva e inovadora. Não pretendemos com um projeto na escola, mudar a realidade como um todo, porém “movimentar” “plantar uma semente” para que as mudanças de dentro da sala de aula aconteçam.

Os professores das escolas brasileiras, como comenta Martins (2002, p. 233),

estão, na maior parte do tempo, dispersos. Há momentos de organização, como nos encontros nas salas de professores, nos conselhos de classe, nos grupos que trabalham com as mesmas disciplinas ou nos horários de trabalho pedagógico coletivo. Esses momentos, entretanto, acabam sendo utilizados muito mais para a realização de atividades burocráticas e resolução de problemas emergenciais do que para criar “um espaço para reflexão, planejamento e transformação de sua prática educacional em atividades humanizadoras para si mesmo e para seus alunos.

O grupo 2, traz uma ideia que se contrapõe ao primeiro grupo, mas deixa também explícita a falta de tempo para planejamentos e vai ao encontro da minha opinião sobre a mudança na escola que deve acontecer a partir do professor. *Tá certo que não temos muito tempo para organizar trabalhos e projetos, mas quem quer, faz acontecer, conversa até nos corredores.*

Partindo da colocação ressaltada pelo professor, “a educação deve promover: flexibilidade; criatividade; habilidade de solucionar problemas; habilidade de encontrar informações; disposição para aprender que dure toda a vida” (GARCIA,1998, p. 73). É claro que o professor possui sua responsabilidade nesse processo. Para Freitas (2000, p.15), “O professor é aquele que, detendo mais experiência, funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento”.

É o professor o mediador das situações de aprendizagem, esse é um dos motivos que sua função é tão importante, o aluno sozinho pode não conseguir

organizar o que aprendeu, por isso, necessita de alguém que questione, instigue e realize a tomada de consciência dos conhecimentos.

Sentimento de solidão e busca de laços de amizade.

Segundo o Grupo 2 *Quantas vezes nem sabemos o que o colega da outra disciplina está trabalhando e numa dessas seria possível trabalhar junto, porque muitos conteúdos se complementam, mesmo que em disciplinas diferentes e isso é legal para o aluno, ele acaba não sabendo que disciplina tá aprendendo e desfragmenta os saberes.*

Esta afirmação vem ao encontro com a avaliação do professor D, Acho super positivo. Quando o trabalho nos primeiros momentos não alcança o objetivo, os alunos estão desmotivados, desinteressados, o que é normal nessa idade, mas eu acredito que no andar do processo, e tu vai crescendo ele só tem a somar, porque diminuir, não tem como diminuir mais, a aula tradicional, que muitas vezes somos obrigados a fazer, porque até tento fazer uma coisa diferente, não tem como andar para trás. A união faz a força, a divisão que faz o enfraquecimento.

Maturana (1998), afirma que o trabalho colaborativo / cooperativo pressupõe um modo de vida não hierárquico, centrado em relações de participação, confiança, coerência em relação aos demais seres humanos. O desenvolvimento de atividades nessa perspectiva exige respeito mútuo, aceitação e entendimento das diferentes vozes e contextos em que as pessoas estão inseridas. A convivência no grupo pressupõe participação e compartilhamento de saberes e sentimentos.

O autor complementa a fala do grupo, quando menciona a troca de saberes entre os envolvidos, sem uma visão hierárquica de quem sabe mais ou menos, com respeito e entendimento. É interessante pensar sobre isso acerca dos saberes de diferentes áreas dos saberes (diferentes disciplinas), pois em um grupo de professores de anos finais, cada um deles possui entendimento de uma área específica e a troca de informações entre elas, pode enriquecer e complementar as discussões.

Na fala do Grupo 3: *Trabalhar em grupo é bem melhor, o professor não se sente sozinho e os objetivos se tornam únicos.*

Os benefícios do trabalho colaborativo foram discutidos por Damiani (2008), que apresenta inúmeras evidências das aprendizagens efetuadas por professores

trabalhando em conjunto em diferentes atividades e valorizando ação do contexto sobre as pessoas. Teoria explicada por Vygotsky (1982) que concebia a singularidade do ser humano como constituída a partir de sua pertença a grupos sociais, históricos e culturais específicos. Sendo o sujeito nem apenas passivo, nem apenas ativo, mas interativo.

Essa interação afirmada pelo autor, é o desejado com as Práticas Integradas; uma interação maior entre os conhecimentos aprendidos na escola e aqueles relativos à realidade, bem como uma interação maior entre os professores e entre os alunos.

O Grupo 5 resumiu suas discussões em palavras-chaves, usou as palavras: cooperação, busca de soluções, amizade, comprometimento da equipe. O grupo falou bastante sobre o estreitamento das relações que acontecem quando se trabalha colaborativamente. *Quando mais se trabalha em conjunto, mais nos tornamos amigos e como isso fortifica o grupo. Não precisamos fazer um trabalho que queira mudar o mundo, mas precisamos conversar mais sim, se não nos tornamos reféns de um sistema.*

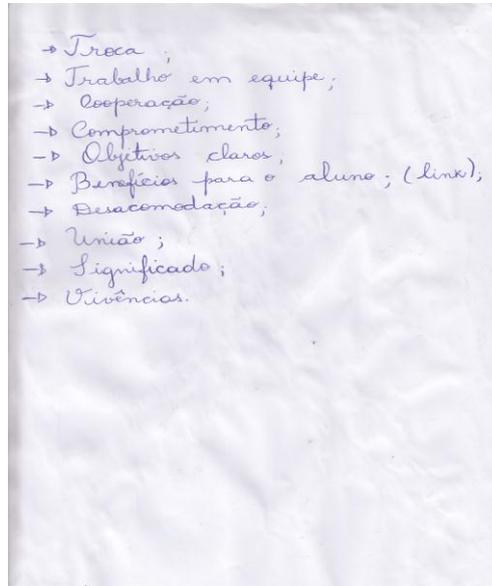
Nessa mesma perspectiva, Damiani (2008, p. 41) afirma que nesse tipo de cultura, os laços de amizade, a iniciativa individual e a motivação levam a maior produtividade e aprendizagens.

Na verdade é a troca de experiências que faz toda a diferença no trabalho colaborativo, pois há a complementação dos saberes, a costura dos conhecimentos, deixando de haver uma divisão, um compartilhamento dos saberes. Os questionamentos ficam melhores respondidos com vários olhares, diferentes óticas.

Portanto, esse momento da formação foi muito válido, pois foi possível ouvir as vozes dos professores, seus sentimentos e opiniões sobre o tema, através de relatos e conversas. Para concluir a formação, ficou delineado, a combinar datas, o próximo encontro, com os professores do nono ano, os sujeitos da intervenção (Práticas Integradas).

É importante deixar claro que para desenvolver as Práticas Integradas – PIs é necessário um trabalho colaborativo, em equipe, onde os objetivos entre os professores sejam unificados. Então, a proposta inicial da formação que foi detalhada anteriormente foi o elemento motivador para a continuação do trabalho desenvolvido a seguir.

Figura 1 – Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 1.



Fonte: Encontro do dia 19/04/2014.

Figura 2 - Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 2.



Fonte: Montagem de quebra-cabeça com imagem realizado pelos professores.

Figura 3 - Considerações dos professores sobre trabalho colaborativo – Grupo 3.



Fonte: Montagem de quebra-cabeça com imagem realizado pelos professores.

2ª Ação:

Data: 03/09/2014

Objetivo: Escolher o tema do projeto, através da escuta dos gostos e preferências dos alunos.

A turma envolvida foi o nono ano da escola, composta por 18 alunos. Primeiro, eu, gestora das Práticas Integradas, conversei com os alunos, de maneira a me aproximar deles e apresentei imagens de duplo sentido, para que fosse possível realizar uma analogia com a ideia/impressão que eles possuem sobre a escola, que tudo tem diferentes pontos de vista e depende da maneira que vemos as situações.

A minha fala inicial trouxe questionamentos como, o que os alunos acham da escola, o que eles têm vontade de estudar e que não estudaram ainda, sabendo que muitos conteúdos estão descontextualizados da realidade dos estudantes, mas que o professor possui papel primordial na aprendizagem, pois é ele que está mediando as situações. Para complementar a minha fala, houve o relato da aluna,

designada como aluna1: *Tudo depende do professor, a nossa professora ensinou de uma maneira bem legal a Matemática e a Física, pegou exemplos de pessoas ou de movimentos e ensinou, a gente compreendeu melhor. A gente não tá entrando na matemática ainda, só para fazer cálculos de quantos km por hora e ao mesmo tempo, parece suficiente, assim, o que já aprendemos.*

Percebo com esta fala a necessidade que os alunos possuem de aprender algo mais prático, ou seja algo mais próximo da realidade. Na afirmação da aluna, o pouco que aprenderam, estava suficiente, não que o conhecimento possua limites, mas nos perguntamos nesse momento, de que vale tantos conteúdos que são “repassados” muitas vezes, se poucos deles possuem uma significação real para o aluno, ou seja, muitas vezes o excesso de conteúdos, não traz reflexão e sim um acúmulo de informações.

Após esse momento, realizei um questionário para perceber o que realmente os alunos possuíam interesse em aprender (apêndice 2).

Segundo Hernández e Ventura (1998, p.67)

o ponto de partida para as definições de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Os alunos podem partir de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre projetos já realizados, originar-se de um fato da atualidade, surgir um problema proposto pela professora ou emergir de um gosto ou preferência dos alunos.

O professorado e os alunos devem perguntar-se sobre a necessidade, relevância, interesse ou oportunidade de trabalhar um ou outro determinado tema, porém em qualquer caso, trata-se de defini-lo em relação às demandas que os alunos propõem. Nesse sentido, leva-se em conta uma organização curricular baseada nos interesses dos alunos (HERNÁNDEZ e SANCHO, 1989).

Análise das respostas

1) No primeiro questionamento, 17 alunos, porque houve uma ausência, responderam que gostam às vezes de estar na escola. As opções eram: sempre gosto, nunca gosto, às vezes gosto. Conforme as respostas de alguns alunos, tornam claras as justificativas:

Aluno 2: *gosto da escola às vezes, porque tem dias que a gente só copia do quadro e quase nem sai da sala de aula, daí nem pode conversar com “os cara”.*

Aluno 3: *gosto às vezes, porque tem dias que a aula tá chata, nada de interessante pra fazer, ainda mais quando chove que não tem recreio.*

As respostas dos estudantes demonstram que muitas vezes as aulas são “chatas”, porque à maioria das atividades propostas na sala de aula não são dinâmicas, os alunos permanecem por muito tempo copiando e isso não é prazeroso para eles, também não gera a reflexão, nem a associação ao contexto no qual vivem, que é a maneira de utilizarem seus conceitos espontâneos, frutos das interações cotidianas em seu meio social e de vinculá-los aos novos conceitos proporcionados pelos docentes.(SANTOMÉ,1998).Ou seja, a aprendizagem significativa ocorre quando as novas informações e conhecimentos podem relacionar-se com aquilo que a pessoa já sabe.

Falando sobre interação, ou conversas com os colegas como os alunos se referem, podemos nos embasar em Vygotsky (1998), quando afirma que a aprendizagem é possível acontecer na colaboração entre os iguais, uns aprenderem com os outros, sem nenhum deles executar o papel de experiente ou instrutor. Entendo portanto, que em momentos de lazer, ou de atividades físicas, há também trocas mútuas e ou aprendizados diversos. Sempre é momento de aprender e de se experimentar.

2) No segundo questionamento, a maioria dos alunos respondeu como preferência o recreio e as aulas de Educação Física.

Conforme relatos, os alunos sentem-se mais “livres” nas aulas de Educação Física, não necessitam copiar do quadro e podem interagir com os colegas. Percebe-se na citação do aluno 1:

[...]Não que a gente não tenha regras na aula de Física, a gente tem que ter, nos jogos, em tudo, mas é diferente, tudo que se aprende é na prática, se aprende fazendo. Quer melhor que isso?

A fala do aluno retrata a importância do conhecimento estar mais próximo da prática. Conforme indica Santomé (1998, p. 42), “é necessário portanto, criar situações de ensino e de aprendizagem nas quais a relevância dos conteúdos culturais possa interagir e propiciar processos de reconstrução junto com o que já existem nas estruturas cognitivas dos alunos”.

Na próxima fala selecionada, encontramos a necessidade da comunicação, de interação e troca de opiniões orais:

Aluno 5: *Sei lá...é melhor, bem melhor que ficar copiando, que ficar calculando, dá pra jogá e conversa ao mesmo tempo.*

As atividades de copiar e calcular, embora importantes, muitas vezes, podem não ter sentido para os alunos, tornando-se assim enfadonhas e não significativas ou relevantes para o conhecimento naquela situação.

No quadro a seguir, as respostas dos alunos (apêndice 2), estão apresentadas em forma de tabelas, demonstrando o resumo das respostas.

Tabela 2 – Resumo das respostas de alunos - pergunta 2.

| Resumo das respostas | |
|---|-------------------------|
| Respostas / Preferências | Número de alunos |
| Artes | 06 |
| Ciências | 05 |
| Conversar com professores sobre temas interessantes | 01 |
| Educação Física | 11 |
| Festas | 02 |
| História | 01 |
| Matemática | 05 |
| Português | 01 |
| Recreio | 11 |
| Refeitório | 01 |

3) No terceiro questionamento, o que não tem na escola e gostarias que tivesses?, as respostas evidenciaram ainda mais a necessidade que os alunos possuem de aproximar seus gostos e preferências da escola, eles possuem vontade de fazer o que gostam dentro do ambiente escolar.

Gostam de festas e salas de jogos, ou seja, atividades dinâmicas em que possam interagir e divertirem-se.

Tabela 3 – Resumo das respostas de alunos – pergunta 3.

| Resumo das respostas | |
|--|-------------------------|
| Respostas | Número de alunos |
| Aulas de dança | 02 |
| Aulas de teatro | 02 |
| Aulas mais dialogadas | 02 |
| Festas | 07 |
| Laboratório de Ciências | 01 |
| Mais aulas no laboratório de informática | 02 |
| Menos estresse dos professores | 02 |
| Música no recreio | 03 |
| Passeios fora da escola | 02 |
| Quadra de futebol | 02 |
| Salão de festas | 01 |
| Salas de Jogos | 07 |

4) No quarto questionamento, como seria uma boa aula?

Os alunos sentem falta de aulas mais dialogadas, mais interação entre os alunos e inovação na sala de aula. Acredito que aulas tradicionais (quadro negro e giz) não estão mais suprimindo a necessidade dos alunos, eles necessitam dinamismo, interação.

Segundo Rios (2000, p. 53),

quem ensina, ensina algo a alguém. O ensino se caracteriza, portanto, como uma ação se articula à aprendizagem. Na verdade é impossível falar de ensino desvinculado de aprendizagem. Muitas vezes ouvimos afirmar que o professor ensinou e infelizmente os alunos não aprenderam. Se pensarmos o ensino como gesto de socialização, construção e reconstrução de conhecimento e valores, temos que afirmar que ela ganha significado na articulação – dialética, com o processo de aprendizagem.

A autora aborda a aprendizagem como um processo não estático, em que os docentes e os discentes caminham juntos, um processo de ação e reflexão, exatamente o que retrata nas falas coletas pelos sujeitos da pesquisa, pois eles

demonstram desejar nas aulas e na escola momentos de interação e trocas, momentos dialogados etc.

Segundo Vygotsky (1997) o professor deve explicar os conteúdos, dar explicações relevantes para o entendimento; questionar os estudantes; fazer com que o estudante explique com a sua compreensão; corrigir essa compreensão, se necessário. Para Freitas (2000, p. 15), “o professor é aquele que, detendo mais experiência, funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento”.

Acredito que as afirmações dos autores vão ao encontro da opinião dos alunos e isso está refletido em suas ações e pensamentos expostos.

Tabela 4 – Resumo das respostas de alunos – pergunta 4.

| Resumo das respostas | |
|--|-------------------------|
| Respostas | Número de alunos |
| Aulas mais dialogadas, com poucos registros | 05 |
| Explicações e ilustrações mais interessantes. | 02 |
| Mais filmes | 01 |
| Mais interação com os alunos, diferentes maneiras de dar aulas. | 06 |
| Participação mais efetiva dos alunos, sem bagunça e com respeito ao professor. | 03 |

A questão número cinco, refere-se à preferência dos alunos; o que percebo é que as respostas de todos os questionamentos, giram muito do desejo que os alunos possuem em terem aulas em que seja possível um diálogo entre eles e os professores, com menos “cópia” do quadro e mais reflexões, sempre dando ênfase aos professores que trazem para a sala de aula exemplos e explicações práticas. Os alunos possuem desejo de interagirem com os colegas, realizando atividades práticas, participando de festas e do recreio. O desafio é fazer uma conexão entre esses desejos e o cotidiano da sala de aula, para isso, é necessário empenho da

equipe de trabalho (professores e equipe diretiva), pensando junto e trabalhando colaborativamente.

O quadro a seguir, apresenta o resumo das preferências dos alunos pelas disciplinas e a justificativa.

Tabela 5 – Resumo das preferências dos alunos pelas disciplinas.

| Disciplina | Números de alunos | Justificativa |
|-------------------|-----------------------------------|--|
| Português | 1 aluno teve como preferência | Por gostar de ler e interpretar textos. |
| Matemática | 2 alunos tiveram como preferência | Por entender as explicações de matemática realizadas pelas professora. |
| História | — | |
| Geografia | — | |
| Espanhol | — | |
| Educação Física | 6 alunos tiveram preferência | Por gostar de esportes, de sair da sala de aula e interagir com os colegas. |
| Artes | 1 aluno teve como preferência | Devido a professora interagir mais com os alunos e propor aulas dinâmicas e diferentes. |
| Ensino Religioso | — | |
| Ciências | 4 alunos tiveram preferência | Devido a professora interagir mais com os alunos, falar sobre coisas do dia-a-dia e entendê-los. |

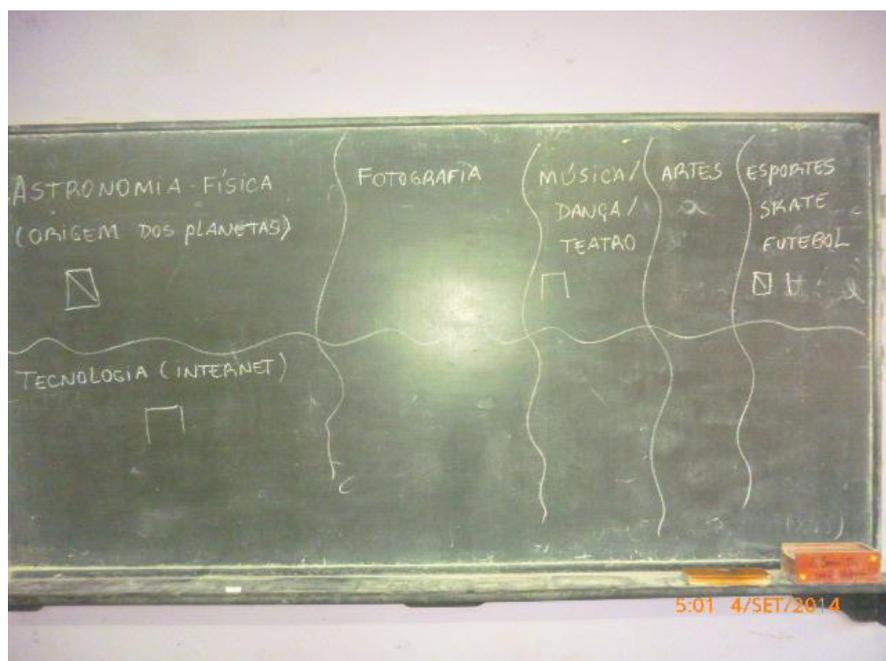
Na questão número 06, foram agrupados os temas elencados pelos alunos em seis modalidades: 1) Astronomia e Física (origem dos planetas), 2) Fotografia, 3) Música, 4) Artes, Dança, Teatro, 5) Esportes, Skate, Futebol, 6) Tecnologia (origem da internet, computador etc). Os dois temas mais votados foram Tecnologia e Esportes, vencendo, após votação, o tema Esportes.

Conforme Santomé (1998, p. 107),

podemos afirmar que é previsível pensar, por exemplo, que os alunos preferem trabalhar em torno de assuntos ou núcleos como “música”, “esportes”, “carros”, “sexualidade” etc, do que com blocos de conteúdos organizados em disciplinas. Porém, isto não impede que no interior da organização dos projetos apareçam conteúdos subjacentes em dimensões mais particulares ou conteúdos mais específicos.

Isto significa que o sujeito aprende e forma seus conhecimentos porque se interessa por eles. A aprendizagem significativa implica que os alunos devem possuir algumas ideias inclusoras, ou conhecimento vivencial, como no caso da escolha feita do tema realizada por eles: Esportes, eles trazem em suas vivências conceitos e opiniões pré-concebidas do assunto, o que é mais fácil comprometer afetivamente as pessoas que aprendem, assim como gerar autoconfiança em si mesmas.

Figura 4 – Temas elencados pelos alunos.



Fonte: Imagem produzida pela mestrand.

Figura 5 – Aplicação do questionários com os alunos.



Fonte: Imagem produzida no encontro com os alunos no dia 03/09/2014.

3ª Ação:

Data: 20/10/2014

Objetivo: Planejar coletivamente com os professores as Práticas Integradas, a partir do tema escolhido pelos alunos

Uma vez escolhido o tema, pelos alunos, o próximo objetivo foi através de um planejamento coletivo com os professores especificar quais seriam os conteúdos, bem como as atividades a serem realizadas, e responder a seguinte pergunta: o que pretendemos alcançar com as Práticas Integradas (PI)? (objetivos, novas aprendizagens e conceitos etc).

É importante também criar um clima de envolvimento e de interesse no grupo, para fazer “costurar” o tema nas disciplinas. Segundo uma das professoras participantes da PI, professora A, *Esse tipo de trabalho quando começa é difícil alcançar o objetivo, mas com o andar do processo, ele só tem a somar, é um caminho só de ida, nos deixa mais confortados e menos sozinhos.*

Para que o planejamento das Práticas Integradas se tornasse mais coeso, pensei em costurar as disciplinas através de um Projeto, que segundo Hernández e Ventura (1998), possui três fases, a inicial se refere ao que os alunos sabem sobre o tema, quais suas hipóteses e referências de aprendizagem, a formativa analisa o seguimento do projeto e a final, que analisa quais foram os aprendizados.

Em colaboração com a minha orientadora sugeri aos professores como abertura do trabalho o filme: A força de um campeão (2012), que conta a história de um rapaz praticante de ciclismo, que sofre um acidente e a partir desse momento começa a valorizar de verdade sua família, pois antes dava importância ao esporte em primeiro lugar. O filme aborda alguns temas como: família, espiritualidade, uso de drogas e álcool, competitividade.

Os professores pensaram ser importante desenvolver o tema abordando aspectos como: superação, persistência, qualidade de vida. Surgiram então, as primeiras ideias de costuras entre as disciplinas: em Língua Portuguesa, o professor pensou em realizar um trabalho de síntese, escrita e reescrita de textos, obedecendo os conteúdos preestabelecidos. E abordando a opinião de cada um. Costurando essa ideia em Artes, a professora pensou em, a partir das produções de textos dos alunos, realizarem histórias em quadrinhos, trabalhando colaborativamente com o professor de Português, além de produzir slogans envolvendo os temas presentes no filme. Em Ciências, a professora por estar desenvolvendo com os alunos a iniciação da disciplina de Física, pensou em trabalhar questões de força e movimentos relacionados com os esportes e na parte de Genética, a pré-disposição racial e genética para os esportes. Em Educação Física, a história/ origem dos esportes aliada com a origem dos esportes na Grécia (disciplina de História).

Para finalizar o projeto, foi proposto pelo professor de Educação Física, uma competição de alguma modalidade de esportes, escolhidas pelos alunos. Também foram sugeridos pelos professores algumas propostas extras, como visita de um profissional da Nutrição, para explicar sobre a alimentação esportiva, sendo importante também para a disciplina de Ciências e um relato de algum esportista com algum tipo de comprometimento físico.

Nem todos os professores participaram, assim como nem todos assimilaram da mesma maneira a intenção das Práticas Integradas. *O problema todo é que*

temos uma lista muito grande de conteúdos e cada vez que temos que fazer um projeto ou atividade que nos repassam, temos que parar o que estamos fazendo e daí atrasa tudo (PROFESSOR B).

É importante reiterar que nesse momento de planejamento, não foram organizadas as Práticas Integradas Coletivas, porque acredita-se que estas práticas aconteçam como consequência de algum “problema” ou com o objetivo de responder algumas respostas ocasionadas durante as Práticas Integradas Individuais.

O encontro foi bem importante, pois foi a primeira vez durante o ano que os professores planejaram em conjunto e tiveram um momento só para conversarem e trocarem ideias sobre suas práticas. É claro, que, como a maioria dos planejamentos, nem tudo se concretizou como havia se pensado, principalmente, pela grande demanda de atividades da escola, como conselhos de classe, festas extra-curriculares e excessos de conteúdos mínimos a serem desenvolvidos com os alunos. Isso prejudicou a continuidade das atividades planejadas, quanto a participação dos professores, acredito que os participantes se envolveram, demonstrando interesse pelo trabalho e acreditando que para obter-se novos resultados, é preciso novas estratégias.

Para a avaliação desta ação, solicitei que os participantes fizessem anotações sobre o encontro e que destacassem seus pontos positivos e negativos. Então, destaquei as seguintes questões:

a) Falta de tempo para “cumprir” os conteúdos.

Todos os participantes do encontro colocaram como ponto negativo das PIs a falta de tempo para concretizar os conteúdos mínimos obrigatórios, mesmo afirmando que acham interessante e importante a tentativa de aproximar ideias, assuntos e conteúdos. E essa categoria destacada vem ao encontro de uma das categorias anteriormente encontrada, porém na discussão anterior, a falta de tempo mencionada era a de planejamento e no momento atual é tempo para a concretização dos conteúdos propriamente ditos que está fazendo falta. Para mim, parece uma questão de relevância de conhecimentos, pois quem está imerso no cenário educacional cotidianamente pode perceber que quantidade de conteúdos, nem sempre é qualidade de aprendizado.

b) União do grupo

Sobre esse aspecto, todos os participantes mencionaram que as conversas, o planejamento em conjunto além de proporcionar novas aprendizagens aos alunos e aos professores podem fazer com o que o grupo de fortifique e se una ainda mais, o que é positivo e ratifica o tão falado trabalho colaborativo, que trabalha com a união do grupo.

5.2 As Práticas Integradas propriamente ditas: descrição, análise e avaliação.

Após as atividades que antecederam as Práticas Integradas propriamente ditas, ou seja, aquelas que trataram da investigação dos interesses dos alunos e o planejamento dos professores, foram realizadas as PIs individuais e uma PIs coletiva, envolvendo dois professores / duas disciplinas.

1ª Atividade:

Aula de Língua Portuguesa

A primeira atividade propriamente dita das PIs foi o filme A força de um campeão, que aconteceu no dia 04 de novembro de 2014. Os alunos gostaram bastante, o filme foi passado no Laboratório de Informática, com pipoca e foram utilizado dois períodos de 45 min (aulas de Português e Ciências). O motivo de termos utilizado aulas de duas disciplinas, foi o desejo de envolver efetivamente o maior número de professores no processo a ser desenvolvido.

Após o encerramento, foi realizado por mim, uma breve conversa para saber dos alunos a sua opinião sobre o filme. Alguns dos alunos relataram:

Muito bom!

Achei um pouco triste!

Gostei, muito massa o cara andando de bicicleta.

Na semana seguinte, no dia 07 de novembro o professor de Língua Portuguesa retomou as ideias sobre o filme com os alunos e propôs atividades discursivas de oralidade e de escrita. A primeira delas sugeria um resumo do filme, expressando a opinião de cada um e destacando no texto a parte do filme que cada um mais gostou. O planejamento dessa atividade foi realizado individualmente pelo professor.

O enunciado da atividade dizia: Elabore um texto contando a sua visão com relação aos personagens e fatos ocorridos no filme: “A força de um campeão”. Comente a cena que mais lhe comoveu e por quê?

A história começa com o personagem principal numa corrida que ele foi campeão. Depois de um trágico acidente, que ele perdeu sua filha, antes da perda de sua filha, ele tinha muita fé em Deus, mas depois perdeu a sua fé, porque achou que Deus não era forte por ter tirado a sua filha.

Ele era um corredor (Cris), sendo que a última corrida dele, ele perdeu. Indo para casa com sua família, sua mulher estava dirigindo, ele estava no banco de carona e sua filha atrás, sua filha desenhou sua mão e disse que ficava mais perto de Deus e lhe perguntou por quê? Na hora que ela foi responder, aconteceu o acidente. Depois disso, ele ficou se martirizando, se culpando por não estar dirigindo.

A maioria dos personagens tinham uma personalidade forte. Ele era um cara dividido entre o ciclismo e sua família, ele era um profissional e no início sua esposa tinha orgulho dele, mas depois que tiveram a filha, ela começou a cobrar atenção, até que um dia, ela pediu para ele escolher entre o ciclismo e sua família.

O fato mais comovente foi no dia da última corrida dele, em que sua filha fez o desenho da mão dele, porque a fazia sentir protegida até que uma hora o acidente, ele perdeu a filha. Se arrependeu, se culpou, porque ele não estava dirigindo, porque se ele tivesse dirigindo não teria acontecido.

E no final ele percebeu que tinha que ter fé em Deus e começou a fazer tudo ao contrário e teve sua mulher de volta, com tudo isso ele aprendeu que precisa pensar primeiro em sua família para depois em si próprio.

Perguntando para o professor qual foi a sua avaliação da atividade, ele respondeu que foi uma atividade introspectiva, que houve silêncio e concentração para ser realizada. Conforme o professor C, *É importante abordar temas que eles necessitem pensar e até mesmo se colocar dentro das situações, pois se depender somente dos conteúdos gramaticais ou da interpretação de alguns textos que estão*

presentes em alguns livros não será possível conectá-los à realidade e a escola continuará esse espaço não prazeroso, visto por eles.

A partir da fala do professor é possível refletir sobre as vozes ausentes na seleção da cultura escolar, citada por Santomé (1998, p. 131)

em diversas ocasiões os conteúdos são contemplados pelos alunos como fórmulas vazias, e mal chegam a compreender seu sentido. Ao mesmo tempo criou-se uma tradição na qual os conteúdos dos livros-texto aparecem como os “únicos possíveis”, fazendo com que um professor, quando se detém a pensar em outros conteúdos que poderiam ser incorporados ao seu trabalho, tenha dificuldade em pensar em outros diferentes dos tradicionais. Conseqüentemente, a esta altura já existem muitas vozes ausentes e ou deformadas na maioria dos currículos planejados e desenvolvidos nas instituições e sala de aula.

A essa dificuldade em pensar em outros conteúdos diferentes dos tradicionais, pode estar atrelada à falta de tempo do professor em planejar coletivamente, ter um momento de “parar” e refletir na prática. Essa falta de tempo foi muito percebida por mim como um empecilho à mudança metodológica, bem como à rigidez do cumprimento dos conteúdos previamente estabelecidos. Isso pode deixar a sensação de que algo está faltando na aprendizagem e ou ensinagem dos alunos, no sentido de complementar, de atribuir significado mais perceptível e possível de ser associado à realidade.

No momento de avaliação realizado através da entrevista semi-estruturada, realizada por mim, o mesmo professor, professor C, afirmou *É bem importante, achei gratificante para o nosso trabalho, tanto o do professor quanto o do aluno. Eles ficaram mais envolvidos, tiveram mais motivação na realização dos trabalhos e facilita muito a prática no dia-a-dia, tanto no ensino, quanto na aprendizagem deles, melhoram os dois processos, porque é algo diferente, impressiona o aluno, por não ser só conteúdo.*

Segundo Santomé (1998, p. 39),

o currículo pode ser organizado não só em torno de disciplinas, como costuma ser feito, mas de núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados em temas, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, ideias etc.

Essas “soluções alternativas” ou diferentes de conceber a estrutura do currículo, visam a uma maior integração curricular que coincidem na urgência de

buscar modos de relações entre os processos de conhecimentos que por muitas situações permanecem incomunicáveis. Além de ser algo que sai da rotina, os conteúdos muitas vezes não trazem abertura para o diálogo, porém quando invertemos a solução e colocamos dentro do tema a ser trabalhado os conteúdos, parece que as possibilidades de discussão e aprendizados são maiores.

O conhecimento disciplinar, usualmente, refere-se a um conjunto de estruturas abstratas e a leis intrínsecas que permitem classificações particulares de conceitos (SANTOMÉ, 1998, p. 103) Ou seja, cada disciplina traz conhecimentos separados, na maioria das vezes. Neste caso, houve a aproximação das disciplinas através de um tema, que trouxe o inesperado, conforme podemos perceber na fala da aluna 1, *se não fosse a partir do filme, nunca iríamos trabalhar sobre preconceito e quotas raciais, porque nos conteúdos que os professores tem que nos ensinar não aparece esses temas da atualidade.*

Conforme a avaliação do professor B: As vantagens de trabalhar colaborativamente são o envolvimento dos alunos, que passam a ter maior interesse pelo que é trabalhado na sala de aula e facilita o processo, eles demonstram o interesse e o rendimento deles também apresenta um crescimento.

É perceptível as mudanças que acontecem na escola através de um trabalho pensado colaborativamente e essas mudanças são da perspectiva do professor e do aluno, pois ambos afirmam que o interesse do tema a ser trabalhado motiva os alunos, que por conseguinte, motiva também o professor, por fim, a aprendizagem se torna mais significativa.

No questionário realizado para avaliar as Práticas integradas, os alunos, de maneiras diferentes expressaram que as disciplinas ficam mais unidas porque os professores começam a se falar mais e trocar ideias sobre o mesmo assunto, tornando as aulas menos “entediadas”.

A estrutura curricular favorece o distanciamento entre as disciplinas e a falta de tempo é um empecilho para os planejamentos coletivos, o que também não favorece para esta conversa entre os saberes. O mais interessante disso é que os alunos perceberam que trabalhando através de um tema único, houve mais união dos professores. Conforme mencionou o aluno 3: *cada professor dava uma ideia diferente sobre o mesmo assunto, foi legal.* Isso demonstra que a hierarquização das

disciplinas não existem nesse tipo de trabalho, não há pessoas com maiores saberes, os saberes se complementam e se enriquecem.

2ª Atividade: Aula de Artes

No dia 09 de novembro na aula de Artes, a professora realizou um trabalho a partir das produções textuais realizadas pelos alunos na aula de Língua Portuguesa. Em grupo, eles deveriam ilustrar o que escreveram e depois encenar um trecho do filme que mais lhes chamou a atenção.

Partindo do fato de que existem diferentes matérias e que de alguma maneira suas características devem ser respeitadas no planejamento curricular; elas devem ser tratadas de maneira separada. Entretanto, como algumas partes de cada uma delas, para poder ser entendidas, precisam de conteúdos típicos de outras, se estabelece uma coordenação clara entre as disciplinas, para superar estes obstáculos (SANTOMÉ, 2008, p. 206).

Por outro lado, existem disciplinas que podem se complementar, sem possuírem dependência com outras, como neste caso, na disciplina de Língua Portuguesa e Artes que se complementam, com o objetivo de desenvolver nos alunos as diferentes áreas da comunicação e expressão: escrita, oralidade, arte.

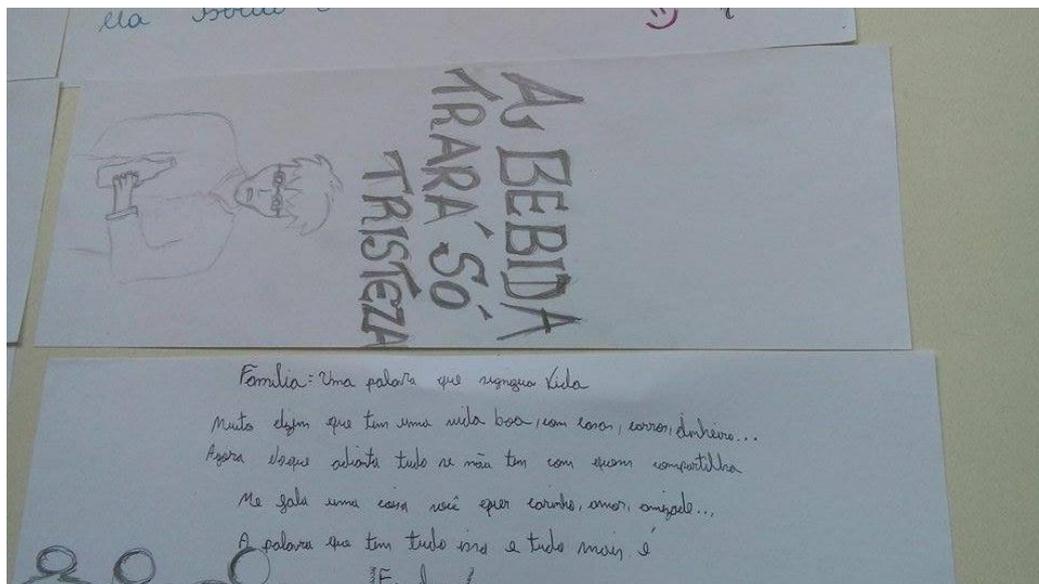
No dia 13 de novembro, houve continuidade do trabalho realizado na disciplina de Artes, os alunos realizaram slogans, juntamente com a professora da disciplina e comigo, que estava presente, enquanto gestora das Práticas. Nós dividimos os assuntos abordados no filme e cada tópico ficou com um grupo: Família, Espiritualidade, Álcool e Drogas e deveria escrever algo que incentivasse o personagem principal do filme e que servisse de lição para a vida das pessoas, com o objetivo de aproximar cada vez mais da realidade.

Percebi o envolvimento dos alunos e a reflexão sobre o assunto, pois a divisão dos temas, foi realizada por eles e para isso, foi necessária uma retomada da história do filme e a retirada dos subtemas mais importantes, a partir desse momento, os alunos necessitaram criar algo referente ao assunto, uma frase, um slogan etc.

No início, os alunos sentiram dificuldade em entender o solicitado, segundo a professora da disciplina de Artes, devido a não realizarem frequentemente este tipo

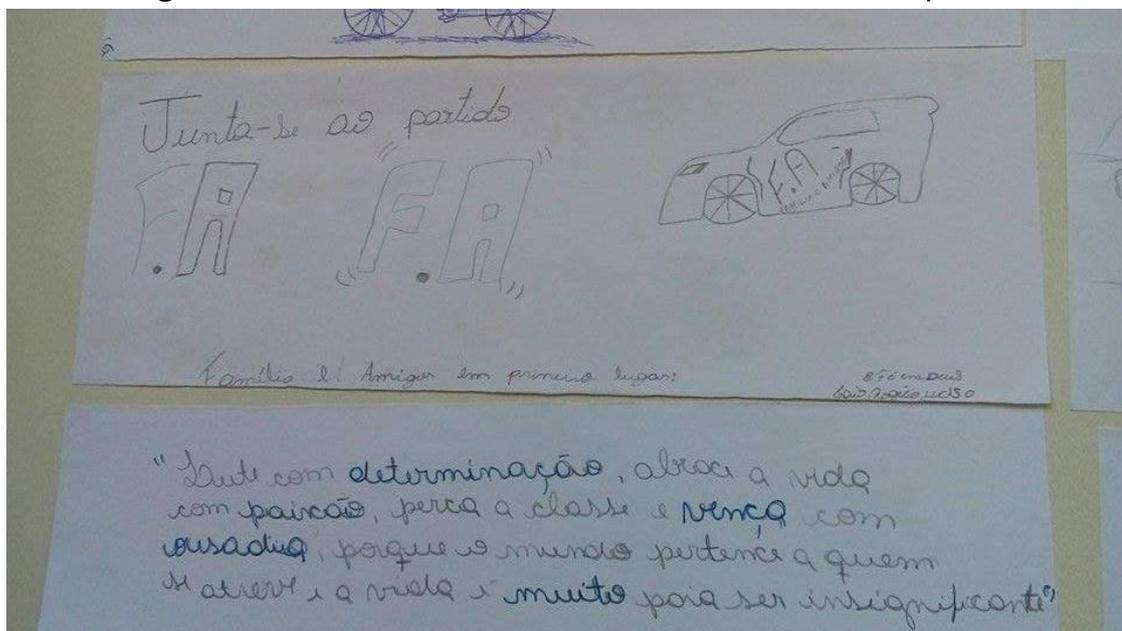
de trabalho. Portanto, foi válido e surpreendente o resultado, os estudantes demonstraram criatividade e desejo de realizar mais trabalhos assim.

Figura 6 – Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 1.



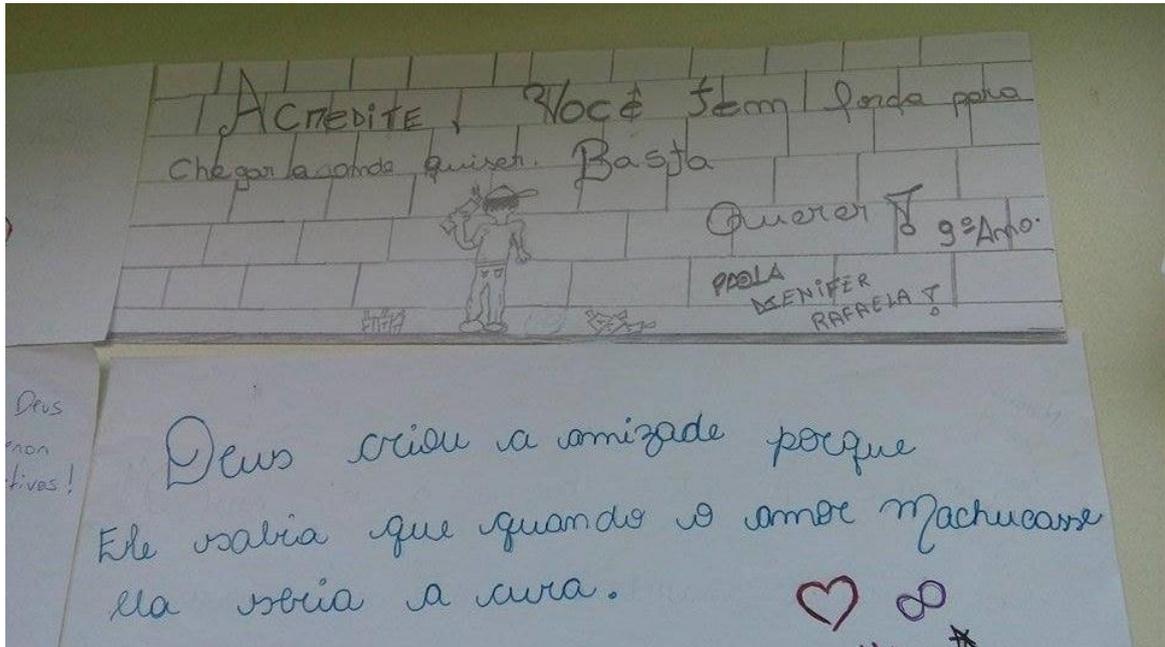
Fonte: Produção dos alunos no dia 13/11/2014.

Figura 7 – Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 2.



Fonte: Produção dos alunos realizada no dia 13/11/2014.

Figura 8 - Atividades realizadas na aula de Artes – Grupo 3.



Fonte: Produção dos alunos realizada no dia 13/11/2014.

3ª Atividade:

Aula de Ciências

No dia 11 de novembro, a professora de Ciências, juntamente com a minha presença, trouxe o Tema: Esportes para desenvolver o conteúdo de Genética, debatendo a influência desta na performance dos esportistas. Por exemplo, por que as pessoas negras possuem maior participação em esportes como atletismo, algumas lutas etc, devido à constituição das fibras musculares, do aparelho respiratório, entre outras coisas. Foi questionado pela professora 3: Quem ganha a São Silvestre todos os anos? Nas lutas de Sumô há presença de negros? Como esse preconceito racial afeta nos esportes? E por outro lado, em esportes como tênis, há praticamente a ausência ou baixa participação de pessoas negras.

Emergiram então, discussões sobre o preconceito, mais frequente no futebol, sendo perguntado para os alunos o que eles tinham de conhecimento sobre isso. Um aluno relatou que na Argentina a presença de jogadores negros era muito reduzida e citaram os jogadores que eles conheciam que foram vítimas de preconceito no futebol. Também relataram sobre uma situação de preconceito no vôlei.

A aula foi em formato de roda de conversa e os alunos puderam se expressar de uma maneira muito espontânea, esclarecendo dúvidas e manifestando opiniões. O que foi muito importante, pois trouxeram à tona vários conhecimentos de mundo, informações que eles tinham, contribuindo valiosamente para a discussão. A aula terminou com o questionamento deles acerca de como havia nascido o preconceito, foi então, que a professora sugeriu para a turma realizar uma Prática Integrada Coletiva, unindo os conhecimentos de Ciências e Biologia com História.

Conforme Santomé (1998), o processo educacional precisa apoiar-se nos interesses dos alunos e alunas, mas também gerar novos interesses. Não havia sido pensado que o projeto tomaria essa direção, mas foi necessário esclarecer as dúvidas dos alunos, que levaram esta pergunta para casa: De onde nasceu o preconceito? Por que existe? A aluna A, argumentou, *se não tivéssemos feito essa atividade, nunca a gente aprenderia sobre isso na escola, porque são coisas que nunca paramos para pensar e nem os professores ensinam normalmente.*

Percebi que nesta aula foi possível discutir um assunto de conhecimento necessário para a vida, não apenas um conteúdo, mas um tema que poderá ajudar na construção do caráter dos alunos e de suas vivências de mundo.

Parafraseando Santomé (1998), as vozes ausentes na seleção da cultura escolar são aquelas que não aparecem claramente nos conteúdos e atingem os grupos sociais minoritários. O curioso dessa abordagem é que o tema: Preconceito, mesmo fazendo parte da nossa cultura, trouxe a tona muitas dúvidas dos alunos, como a origem do Preconceito e a ideia que na escola esse sentimento não existe.

4ª Atividade:

Prática Integrada: Aula de Ciências e História

No dia 24 de novembro realizamos a Prática Integrada Coletiva envolvendo as disciplinas de Ciências e História, foi em formato de roda de conversa e começou com a enquete: Como surgiu o Preconceito?

As respostas foram em torno do processo histórico, escravidão, falta de opções e direitos de estudo para os negros, Movimento Negro, medidas de compensação, quotas, preconceito em profissões como medicina e outras da área da saúde. Outros temas que foram discutidos: quota racial e quota social, sobre as raças (genótipo e fenótipo), direitos iguais.

Na aula, estavam presentes a professora de Ciências, de História e eu, enquanto assessora.

Segundo Garcia (1998, p. 69),

vislumbra-se a proposta do trabalho colaborativo na resolução de problemas, estes entendidos como fatores capazes de mobilizar os estudantes, tanto de forma física como intelectual, para a atividade de conhecer, enquanto a colaboração surge como ideia principal referente ao pressuposto psicológico de constituição da mente humana por meio de interações sociais.

Percebi a Prática Integrada Coletiva como uma ferramenta utilizada para responder aos questionamentos que emergiram durante um momento anterior da aprendizagem e para isso, foi necessário reunificar os saberes para contemplar as diferentes visões e dimensões do assunto, ou seja, o Tema principal que estava sendo estudado com os alunos era “Esportes”, a professora de Ciências começou a desenvolver o assunto de Genética, quando surgiu o interesse sobre o preconceito, então a professora de História interveio, acrescentando as informações necessárias.

Foi possível perceber que, as funções das professoras, neste caso, foram afetadas, principalmente com relação às suas interações, pois antes cada um preparava sua aula e organizava seus objetivos e neste caso, houve o planejamento coletivo, a conversa, a delimitação de objetivos comuns etc.

Conforme afirma Santomé (1999, p.126),

uma escola que planeja e desenvolve projetos curriculares com módulos disciplinares favorece o isolamento e a incomunicação profissional entre os diferentes especialistas, cada professor preocupa-se apenas com sua matéria, considerando-a mais importante. De alguma maneira, inicia-se uma concorrência pela atenção dos alunos e o corpo docente de outras matérias aparecem como rivais.

Com a Prática Integrada Coletiva, foi possível uma desfragmentação dos conteúdos, proporcionando aos alunos um olhar amplo sobre o tema, não possuindo necessariamente um momento exato para a disciplina de Ciências ou de História e sim um único espaço para diferentes discussões e exposição de ideias e postos de vistas diferentes sob o mesmo tema.

5ª Atividade:**Rústica de Educação Física**

Para finalizar o Projeto, no dia 06 de dezembro, foi realizada a atividade coordenada pelo professor de Educação Física, denominada “Rústica”, a escolha dessa modalidade foi através de conversa com os alunos do nono ano. Partindo das respostas dos questionários realizados com eles, foi possível perceber seus interesses por atividades práticas e dinâmicas, então, o objetivo da Rústica foi envolver toda a comunidade escolar e todos os alunos da escola, através de uma atividade coletiva de interação. Foram feitas inscrições e premiações.

Houve trinta e cinco inscritos, incluindo professores, alunos e comunidade (pais de alunos, parentes e moradores do bairro), a atividade teve cunho integrador, com o objetivo de aproximar à comunidade da escola. Partindo da ideia que tudo na escola é importante, atividades esportivas podem promover a integração dos participantes, estimulando sua convivência em grupo e corrobora com as respostas apresentadas nos questionários e nas conversas nos momentos das atividades propostas que afirmam que os alunos desejam aulas mais dialogadas, mais interativas, com atividades fora da escola.

Segundo Santomé (1999, p.125)

no desenvolvimento do currículo, na prática cotidiana da instituição escolar, as diferentes áreas do conhecimento e experiência deverão entrelaçar-se, complementar-se e reforçar-se mutuamente, para contribuir de modo mais eficaz e significativo esse trabalho de construção e reconstrução do conhecimento e de conceitos, habilidades, atitudes, valores, hábitos que uma sociedade estabelece democraticamente ao considera-los necessários para uma vida mais digna, ativa, autônoma, solidária e democrática.

Esta citação, traz para mim, uma reflexão sobre o que representou a atividade de encerramento do projeto, intitulada como Rústica. Na verdade, como foi a última atividade realizada, não foi possível concretizar conexões ou discutir a partir do tema em algumas disciplinas, mas foi possível refletir, como cita o autor anteriormente, sobre o trabalho de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes e valores. Pois, a Rústica, como envolveu a comunidade em geral e também os alunos, trouxe uma perspectiva de aprendizagem não formal, que priorizou as aptidões físicas dos participantes, deflagrando até mesmo alguns “talentos”, o que não seria possível perceber, nessa ótica, dentro da sala de aula.

Portanto, foi possível através do projeto e de uma ótica global ou um olhar amplo, proporcionar aos alunos e demais envolvidos, vivências diferenciadas daquelas presenciadas diariamente na escola.

Figura 9 – Cartaz de divulgação da Rústica promovida pela Escola.

**RÚSTICA E.M.E.F.
PROF. MIRANDA
2014**

**VENHA CORRER EM PROL DE UMA
EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA
E SAUDÁVEL!**



CROQUI DA RÚSTICA

ORIENTAÇÕES:

INSCRIÇÕES: Gratuitas na hora da corrida a partir das 9h30min do dia 06/12/2014 (Festa de Natal da Escola)
LARGADA 10H

UNIFORME: O atleta deve trajar tênis, calção e camiseta.

PREMIAÇÃO: Troféu para o 1º colocado de cada categoria e medalha para todos os atletas que concluírem a prova.

CATEGORIAS: Mirim 2002, 2003 e 2004 (Masculino e feminino)
Infantil 2000 e 2001 (Masculino e feminino)
Juvenil 1997, 1998 e 1999 (Masculino e feminino)
Adulto acima de 18 anos (subdivisão de categoria se necessário)

Mais informações com os alunos Rinaldo 9ºano, Lucas 8ºano e Rangel 8ºano ou Professor Cleo.
* Casos omissos serão analisados pela direção da escola.

Fonte: Imagem produzida pelo organizador da Rústica.

Figura 10 – Encerramento da Rústica.



Fonte: Imagem produzida pela mestrandia.

Abaixo, o quadro auxilia a visualização das atividades organizadas, que compõem as Práticas Integradas, separadas por disciplinas.

Tabela 6 – Atividades das práticas integradas por disciplinas.
ATIVIDADES DAS PRÁTICAS INTEGRADAS

| ROTEIRO | | |
|----------------|---|---|
| DATA | OBJETIVO | ATIVIDADE A SER DESENVOLVIDA |
| 04/11/2014 | Filme: A força de um Campeão | Assistir o filme e conversar sobre o tema. |
| 07/11/2014 | Saber a opinião dos alunos sobre o filme. | Escrita de Textos na disciplina de Língua Portuguesa |
| 09/11/2014 | Expressar-se sobre o filme através de desenho. | Fazer a ilustração do texto (aula de Português) na disciplina de Artes. |
| 11/11/2014 | Esclarecer sobre a influência da Genética na prática de esportes. | Conversa sobre diferentes modalidades de esportes, genética e preconceito, na aula de Ciências. |
| 13/11/2014 | Criação de slogans em grupo. | Divisão de subtemas do filme: família, drogas, espiritualidade, força de vontade e criação de slogans na disciplina de Artes. |
| 24/11/2014 | Integrar as disciplinas de Ciências e de História para esclarecer dúvidas dos alunos. | Roda de conversa sobre a origem do preconceito, quotas raciais e quotas sociais, preconceito nos esportes e em outras profissões. |

| | | |
|------------|---|--------------------|
| 06/12/2014 | Atividade de Integração entre todos os alunos da escola e Comunidade Escolar. | Rústica da Escola. |
|------------|---|--------------------|

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e o ensino possuem o objetivo de desvelar o invisível dos sujeitos, poeticamente, o essencial é invisível aos olhos, portanto busquei com a pesquisa proporcionar a reflexão e a adoção de novas metodologias e estratégias para valorizar as aprendizagens dos alunos, pois os professores são os pilares da educação, o que a sustenta, por isso devem ser valorizados e seu trabalho otimizado. Para isso, pensei em proporcionar práticas diferenciadas. No primeiro momento, minha intenção era propor práticas interdisciplinares, porém, percebo que ao longo deste século as terminologias como interdisciplinaridade, educação global, centros de interesse, metodologia de projetos, globalização aparecem, desaparecem e reaparecem com certa frequência. Falando em relevância do conhecimento, a maior queixa dos professores é a falta de tempo para planejar, que segundo eles, beneficia a fragmentação do conteúdo, pois quanto maior for a compartimentação dos componentes curriculares, mais difícil será a compreensão do aluno e menos significativo e prático será seu conhecimento.

Por isso, o objetivo geral, traçado neste projeto, foi a implementação das Práticas Integradas na escola, o qual, avalio como algo positivo para os professores e alunos envolvidos, pois contribuíram para uní-los, havendo a “costura” entre as disciplinas, a unificação entre os objetivos e os assuntos. E isto foi refletido, na fala de alguns alunos quando afirmaram: a partir desse trabalho os professores pareceram mais amigos, se falavam nos corredores e as atividades combinavam uma com a outra, sendo mais interessante e menos entediante.

A fala dos alunos demonstra a importância dos planejamentos coletivos, pois só dessa maneira, pode haver uma consonância nas falas dos professores e nos objetivos por eles propostos. Os planejamentos, um dos objetivos específicos do projeto, não aconteceram da maneira que planejei previamente, pois devido à falta de tempo para unir os professores, só foi possível um encontro coletivo, mas acredito que “movimentou” os sujeitos da pesquisa. Descobri que o trabalho colaborativo é bom para todas as pessoas que se envolvem com a formação docente, aproxima seus integrantes, nos deixa menos sós, partilha as experiências e os conhecimentos, além de trazer para os alunos novas perspectivas de

aprendizagens, pois nesta perspectiva, o conhecimento não acontece a partir dos conteúdos, mas de um assunto, onde emergem os conteúdos.

Outro dos objetivos traçados era deflagrar as necessidades dos alunos através das conversas e dos questionários respondidos, o que indicou seus interesses por aulas dialogadas, por espaços de interação, foi percebido também seu interesse por exercícios físicos, o que justifica a escolha do tema: Esportes.

Acredito que a mudança aconteça aos poucos, nem tudo muda definitivamente, mas a intenção é que aquilo que fez a diferença permaneça. No final do projeto, foi possível pontuar sobre os objetivos e concluir que eles foram alcançados, mesmo que não da maneira que foram idealizados.

Tenho convicção que o trabalho colaborativo em Educação pode beneficiar significativamente para que nossas escolas tenham uma melhor qualidade e que promovam cada vez mais as aprendizagens dos alunos, pois é um trabalho que promove a evolução das relações humanas, devido ao professor não se encontrar mais tão sozinho no processo e os alunos percebem essa união e acabam se envolvendo mais e sentindo a escola um espaço prazeroso, onde se aprende o que necessita e o que deseja.

BIBLIOGRAFIA

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica.** Curitiba: IBPEX, 1998.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das Promessas às incertezas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLAÇO, V. de F.R. **Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças.** Psicologia Reflexão e Crítica, 2003.

COLL SALVADOR, C. **Aprendizagem escolar e construção de conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CORREA, Bianca Cristina; GARCIA, Teise Oliveira (Orgs.). **Políticas educacionais e organização do trabalho na escola.** São Paulo: Xamã, 2008, p. 11-38.

DAMIANI, Magda. **Sem as reuniões a escola não existe! Não tem como!: estudo de caso de uma escola colaborativa.** 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, Anais do GT Educação Fundamental, n.13, 2004, p.1-15.

DAMIANI, Magda. **Sobre pesquisas do tipo intervenção.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012.

DAMIANI, Magda. **Trabalho Colaborativo / Cooperativo em Educação,** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

DEMO, Pedro. **Aprender Bem / Mal.** Campinas, São Paulo: Ed. Autores Associados LTDA, 2009.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceira.** São Paulo, 1991.

FREIRE, Madalena . **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I.** 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

FREITAS, M. T. de A. 2000. **As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate.** In: **Psicologia da Educação. Revista do Programa**

de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.10/11: 9-28.

FREITAS, M.T. de A. **Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível.** Campinas: Editora Unicamp, 1997, p. 320.

GARCIA, D.E.S. **Metodologia de Projetos: vivências, resolução de problemas, e colaboração na experiência educativa.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓES, M.C.R. **As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos.** In:

GÓES, M.C.R.; SMOLKA, A.L.B. (Orgs). **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação.** Campinas: Papyrus, 1997.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HERNANDEZ E VENTURA, Fernando e Montserrat Ventura. **Organização de currículos por projetos de trabalho.** Rio de Janeiro: Artmed 1998.

LÜCK, Heloísa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINS, A. M. **Autonomia da escola: a (ex)ensão do tema nas políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 2002.

MATURANA E VARELLA. Humberto e Francisco. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** 2 Ed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2002.

MENDONÇA, E. F. **A regra e o jogo: democracia e patrimonialismo na educação brasileira.** Campinas, SP: Ed. LaPPlanE/ FE/ Unicamp, 2000.

MILES, M. B., HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**. London: Sage, 1994.

MINAYO, Maria C.S. (org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre: PUCRS, 1999, p. 7-32.

MOURA, D. G. e BARBOSA, E.F. - **Trabalhando com Projetos: Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais**, Ed. Vozes, 2000. Petrópolis - RJ.

PARO, Vitor Henrique. **Estrutura da escola e educação como prática democrática**. In:

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro:WVA, 1997.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Globalização e interdisciplinaridade: O currículo integrado**. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul Ltda,1998.

VYGOTSKY, L.S. **Obras escolhidas II (Pensamento y Language)**, Moscú: Editorial Pedagógica, 1982.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª.ed.-22.reimpr. – São Paulo: Atlas, 2013.

HERNÁNDEZ, FERNANDO Y SANCHO, JUANA. **Para ensinar no basta con saber la assinatura**. Barcelona: Laia, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, a mestranda Susana Lucas da Silveira Tavares e a Prof^a. Dra. Cristina Pureza Duarte Boéssio, responsáveis pelo Projeto de Intervenção a ser realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Miranda, durante o ano 2014, estamos fazendo um convite para você participar como voluntário deste nosso trabalho.

Este Projeto de Intervenção pretende proporcionar reflexão sobre as práticas escolares, através das PIs (Práticas Integradas entre as disciplinas), que compreendem o planejamento coletivo dos professores em torno de um tema escolhido pelos alunos, com o intuito de costurar as ideias entre os conteúdos escolares.

Inicialmente, a proposta é ouvir o corpo discente, acerca de seus gostos e preferências pelas disciplinas e por assuntos a serem desenvolvidos na escola. Logo, o intuito é planejar com os professores as atividades, executá-las e realizar a avaliação de cada uma delas.

Sua participação (aluno e professor) será de fundamental importância para a realização de nossa pesquisa e de nossa intervenção. A atividade investigativa e os instrumentos de avaliação foram elaborados pelas responsáveis. As informações obtidas nos encontros, tanto com os alunos quanto com os professores serão, fotografadas, registradas de diversas formas para posterior análise. Todas essas informações serão utilizadas para fins acadêmicos, sendo assegurada total privacidade ao aluno ou professor, que será referido no trabalho como *sujeito*.

Eu, _____, estou ciente dos objetivos e da metodologia deste projeto de intervenção. Aceito participar do estudo acima descrito, desenvolvido pela mestranda, permitindo o uso de imagens e produções orais e escritas, afim de contribuir com a pesquisa realizada por Susana Lucas da

Silveira Tavares, sob orientação da Prof^a. Dra. Cristina Pureza Duarte Boéssio, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão.

Susana Lucas da Silveira Tavares

Sujeito pesquisado

Prof^a. Dra.Cristina P.D.Boéssio Pesquisador
Orientador

APÊNDICE 2 – Questionário

ATIVIDADE INVESTIGATIVA

Nome: _____

Data: ___/___/___



1. Gostas de estar na escola?

() sempre gosto () nunca gosto () às vezes gosto

2. O que mais gostas na escola?

3. O que não tem na escola e gostarias que tivesse?

4. Na tua opinião como seria uma boa aula?

5. Numera por ordem crescente de preferência as disciplinas:

() português

() matemática

() história

() geografia

() espanhol

() educação física

() educação artística

() ensino religioso

() ciências

Justifica tua primeira opção:

6. Que gostarias de aprender nas aulas?

7. Assinala os temas que te interessam:

() música

() programas de televisão e filmes

() pintura e ou desenho

() teatro e fotografia

() esportes

() culinária

() outros:

APÊNDICE 3 – Instrumento Avaliativo - alunos**PROJETO DE INTERVENÇÃO: COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES ATRAVÉS DE PRÁTICAS INTEGRADAS**

Instrumento avaliativo – alunos

1. Qual a tua opinião sobre a aprendizagem em torno de um tema específico, neste caso, os esportes? Percebes diferenças entre trabalhar dessa maneira e trabalhar separadamente por disciplinas? Quais diferenças?

2. Como percebes as disciplinas neste tipo de trabalho?

3. Sugestões e ou críticas sobre o trabalho realizado.

APÊNDICE 4 – Instrumento Avaliativo - professores

PROJETO DE INTERVENÇÃO: COSTURANDO IDEIAS ENTRE DISCIPLINAS ESCOLARES ATRAVÉS DE PRÁTICAS INTEGRADAS

Instrumento avaliativo – professores

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Qual a tua opinião sobre o trabalho colaborativo (Práticas Integradas) que realizamos na escola?
2. É possível realizar tal trabalho no dia a dia? Quais as vantagens e quais os empecilhos?
3. Como percebes a aprendizagem dos alunos com as Práticas Integradas?